

ÉPOCA

31.08.20

TRAGÉDIA ACIDENTAL

OS AVANÇOS NA INVESTIGAÇÃO
DA MORTÊ DE ISABELE, DE 14 ANOS,
VÍTIMA DE UM DISPARO
FEITO POR SUA MELHOR AMIGA

por Ullisses Campbell

Oq aconteceu cara

Não sei tbm

Se deixou ela com munição?

Fala a vdd

Tava no carregador

Mas nao na câmara

Pqp

Acertou alguém?

Oq q aqueles guri falaram?

A guria morreu

ADVOGADA NA PAINELA

A FRITURA DE KARINA
KUFA, EX-QUERIDINHA
DE BOLSONARO

por Guilherme Amado

GERAÇÃO RECESSÃO

O FUTURO PROFISSIONAL
DOS JOVENS QUE SÓ
CONHECERAM A CRISE

por Suzana Correa

PORTA DE SAÍDA

A EVOLUÇÃO DO
TRATAMENTO DA COVID
SEGUNDO DOIS MÉDICOS
INFECTADOS

por Constança Tatsch
e Elisa Martins



EPOCA.GLOBO.COM
Nº 1155

CARGO TRIBUTÁRIO FEDERAL
APROXIMADAMENTE 4,65%

EXEMPLAR DO ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

Em seu 4º mês, o **Todos pela Saúde** é o principal doador para os projetos de adaptação de duas fábricas de vacinas contra a Covid-19.

O **Itaú Unibanco** vem a público novamente prestar contas sobre as atividades do Todos pela Saúde.

Confira o andamento dos projetos e as realizações do último mês.

Cuidar

Autonomia brasileira na produção de vacinas.

R\$ 100 milhões doados.

Investimento na **Fiocruz** e no Instituto **Butantan** permitirá produção de doses em larga escala.

R\$ 50 milhões para a **Fiocruz** para adequações da sua fábrica de vacinas – que ficará pronta até o começo de 2021 e terá capacidade para até 40 milhões de doses por mês. **R**

R\$ 50 milhões para o Instituto **Butantan** para atualização e expansão da sua fábrica, que terá capacidade para até 20 milhões de doses por mês.



Cuidar

Expansão da capacidade de testagem do país.

R\$ 180 milhões em novos Centros de Testagem para realização de exames laboratoriais em massa.

Dois novos laboratórios em parceria com a **Fiocruz** – um inaugurado na cidade do Rio e outro a inaugurar em Eusébio, CE –, que ampliarão a capacidade de testagem do Brasil em 25 mil exames PCR e 24 mil exames sorológicos por dia.



Cuidar

Assistência às populações vulneráveis da região amazônica.

R\$ 45 milhões investidos.

Ações realizadas em parceria com a Acnur – Agência da ONU para Refugiados – estão garantindo o funcionamento de um Hospital de Campanha com 174 leitos na cidade de Boa Vista, RR, e também de um centro de alojamento com 1.000 leitos para populações locais, indígenas e de refugiados.



AFRICA

Proteger

Doação de oxímetros: equipamentos básicos de saúde para todos os municípios brasileiros.

R\$ 11,8 milhões investidos.

Doação de mais de 105 mil oxímetros a equipes de atenção primária em todos os mais de 5 mil municípios brasileiros, contemplando 100% das equipes de saúde e melhorando a infraestrutura das Unidades Básicas de Saúde (UBSs) em todas as regiões do Brasil.



Retomar

R

Mapeamento da epidemia no Brasil.

+ de R\$ 35 milhões em pesquisas científicas.

As informações – coletadas por algumas das maiores instituições de saúde do país que receberam o auxílio – serão fundamentais no planejamento de futuras estratégias de vacinação e tratamento da doença.



Faça como diversas empresas, entidades e pessoas: junte-se a nós. Acesse: todospelaude.org

marcas parceiras



Todos pela Saúde. Do Itaú para todos.



“DUELO DOS SUVs COMPACTOS” JORNAL DO CARRO

Edição Nº 1927

TIGGO 5X VENCE O CHEVROLET TRACKER

96.5

**TIGGO 5X
TXS
MELHOR
PONTUAÇÃO**



Fonte: Jornal do Carro - Edição Nº 1927



TIGGO 5X TURBO
VENCEDOR DOS PRINCIPAIS COMPARATIVOS DESDE O LANÇAMENTO
BRILHOU NO “PRÊMIO CARRO DO ANO 2020”

1. TIGGO 5X 1.5 TXS (NAC), 0 km, emplacado, ano/modelo 2019/2020 por R\$ 96.990,00 à vista (cores sólidas). 2. DOCUMENTAÇÃO E IPVA 2020 GRATUITOS - Condição válida para modelo TIGGO 5X 1.5 TXS, 0 km, emplacado, ano/modelo 2019/2020. 3. PARCELAS PARA 2021 - Entrada mínima de 60% (R\$ 58.194,00) e saldo em 36 parcelas mensais de R\$ 1.500,28, sendo a primeira com pagamento em até 150 dias, com simulação de taxa de 1,35% a m. e 17,49% a.a. Tarifa de Cadastro de R\$ 2.500,00 (incluída na parcela), valor total financiado de R\$ 112.204,21 (Banco Financeira Alfa S.A.). Condição válida para modelo TIGGO 5X 1.5 TXS, ano/modelo 2019/2020. 4. TAXA DE 0% - Entrada mínima de 70% (R\$ 67.893,00) e saldo em 24 parcelas mensais de R\$ 1.317,00, sendo a primeira com pagamento em até 30 dias, com simulação de taxa de 0% a m. e 0% a.a. Tarifa de Cadastro de R\$ 2.500,00 (incluída na parcela), valor total financiado de R\$ 99.501,00 (Banco Financeira Alfa S.A.). Condição válida para modelo TIGGO 5X 1.5 TXS, ano/modelo 2019/2020. 5. CAMPANHA TABELA FIPE - Válida para o modelo TIGGO 5X 1.5 TXS (NAC), 0 km emplacado, ano/modelo 2019/2020. Sirva-se apenas na troca, no valor da Tabela FiPE, os veículos que estiverem com o seu documento Único de Transferência - DUT - no nome do comprador do veículo 0 km ou em nome de parentes de 1º grau (pais, filhos e cônjuges), desde que comprovado o parentesco por meio de documentação oficial. Consulte a lista de veículos elegíveis para a Campanha Tabela FiPE para o seu veículo usado nas Concessionárias D21 Motors, os quais devem obrigatoriamente também reunir as seguintes condições cumulativas: 1ª - Garantia de fábrica ativa, 2ª - Registro de revisões realizadas dentro do prazo estipulado pela montadora e com quilometragem limitada a 15.000 km por ano, sem registro de sinistro, quebra de roubo e furto e/ou avarias de grande monta. 3ª - Enquadramento do veículo nas condições acima por laudo de vistoria cautelar pericial, com aprovação do veículo sem restrição em empresa de vistoria indicada pela Concessionária D21 Motors. 4ª - Chave reserva em perfeitas condições de uso. Manual do Proprietário, certificado de Garantia com as revisões realizadas dentro do prazo determinado pela montadora nos termos do Manual do Proprietário. 5ª - O veículo deve estar em perfeitas condições de uso, sem a necessidade de reparo e troca de peças. Caso haja a necessidade de pequenos reparos, como pequenos riscos, amassados, trinca no para-brisa, substituição de pneus, etc., a avaliação estará sujeita ao desconto do serviço conforme tabela de preço das vendas D21 Motors. Os carros elegíveis a essa campanha devem ter ar-condicionado, vidros e travas elétricos e direção hidráulica/elétrica. Campanha válida somente na troca dos modelos em estoque da concessionária. Consulte tabela dos carros elegíveis em www.d21motors.com.br. Condições de financiamento sujeitas a análise e aprovação de crédito e demais condições do produto vigentes na data da contratação. Essas condições não são válidas para venda direta, troca de veículos usados de frota, táxis, locadoras, frotas e seguradoras e veículos recuperados de seguradoras. Condição exclusiva para a Rede de Concessionárias D21 Motors. Consulte demais modelos, cores, itens e versões nas concessionárias autorizadas. Para mais informações, acesse www.d21motors.com.br. Consulte condições para os demais veículos, como outras versões, outras cores e outros itens, nas Concessionárias Autorizadas da marca CHAO CHERY D21 Motors. Condições sujeitas a análise e aprovação do crédito e demais condições do produto vigentes na data da contratação. As condições podem ser alteradas a qualquer momento sem prévio aviso em função de mudanças do mercado. As promoções constantes deste anúncio não são cumulativas entre si nem com nenhuma outra promoção que vier a ser veiculada no mesmo período. Condições válidas até 31/08/2020 ou enquanto durarem os estoques. Para mais informações, acesse www.d21motors.com.br.

COMPARATIVO

Jornal do Carro

TXS
TIGGO 5X X CHEVROLET
TRACKER
PREMIER

TRANSCRIÇÃO DO JORNAL DO CARRO ACABAMENTO

- “ SUV da Caoa Chery tem interior bastante caprichado, com couro para todo lado. ”
- “ No primeiro contato, a diferença no acabamento é **gritante**. ”
- “ No Tracker, parte do revestimento de portas e painel traz o mesmo plástico rígido da linha Onix, da qual o SUV deriva. ”
- “ A cabine do Caoa Chery é **mais moderna** do que a do rival. ”

ESPAÇO INTERNO

- “ O Tiggo 5X leva vantagem por causa dos 6 cm a mais no entre-eixos, que se traduz em maior espaço para as pernas dos ocupantes. ”

TECNOLOGIA

- “ Apenas o Caoa Chery tem câmera de 360°. ”

MOTORIZAÇÃO

- “ O Tiggo 5X tem motor 1.5 - 150 cv, ante o 1.2 - 133 cv do Tracker. ”

SEGURANÇA

- “ Freio de estacionamento elétrico e discos (sólidos) nas rodas de trás só estão no Caoa Chery. Isso garante maior segurança nas frenagens bruscas. ”
- “ O Tiggo 5X leva vantagem nas rodas aro 18”, ante as rodas aro 17” do Tracker. ”

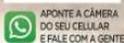
GARANTIA

- “ O Tiggo 5X levou a melhor por ser bem acabado, equipado e ter **garantia de cinco anos**, ante as três do rival. ”

ÚLTIMAS UNIDADES 2020 0 km - MODELO TXS TOP DE LINHA

NOVO
TIGGO 5X 2021
1.5 Turbo
FULL CONNECT DUAL CLUTCH

TABELA
FIPE OU TAXA
0% OU GRÁTIS
DOCUMENTAÇÃO
+ IPVA TOTAL 2020
PRIMEIRA PARCELA PARA 2021



FALE COM A GENTE
☎ 0800-777 5448
WWW.D21MOTORS.COM.BR



CAOA CHERY
QUALIDADE, TECNOLOGIA E DESIGN

NOVO TIG

FATOS MARCANTES EM SUA VENCE O COMPARATIVO COM O Jeep COMPASS.

COMPARATIVO

QUATRO RODAS

EDIÇÃO JULHO DE 2019

PESQUISA

QUATRO RODAS

QUATRORODAS.ABRIL.COM.BR -
11/11/2019

“ O CAO A CHERY É MAIS CHAMATIVO. ”

“ A CAPACIDADE DO PORTA-MALAS É DE 410 LITROS NO COMPASS
E 414 LITROS NO TIGGO. ”

“ O TIGGO APRESENTA AS MÉDIAS DE 11,4 km/L NA CIDADE E 14,1 km/L
NA ESTRADA, ENQUANTO O COMPASS SE MOSTROU MAIS BEBERRÃO. ”

“ SOMANDO TODAS AS REVISÕES ATÉ 60.000 km, AS DESPESAS DO
TIGGO FICAM EM R\$ 3.559 CONTRA R\$ 4.463 DO COMPASS. ”

“ O TIGGO POR SUA VEZ PRIVILEGIA O CONFORTO. SUA SUSPENSÃO
É MAIS MACIA E A DIREÇÃO, MAIS LEVE. ”

“ O CAO A CHERY DÁ UM BANHO NO PACOTE
DE EQUIPAMENTOS DE SÉRIE. ”

“ NA PROVA DE ACELERAÇÃO,
O CAO A CHERY FOI MAIS RÁPIDO. ”

“ NA GARANTIA, O CAO A CHERY É MELHOR. ”

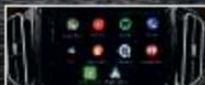
TIGGO 7 REGISTRA A MENOR
DESVALORIZAÇÃO DO SEGMENTO.

1. Caoa Chery Tiggo 7	-5,41%
2. Hyundai New Tucson	-6,16%
3. Jeep Compass	-6,52%
4. Peugeot 3008	-7,20%
5. Chevrolet Equinox	-7,24%
6. Hyundai ix35	-7,32%
7. Volkswagen Tiguan	-11,04%

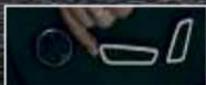
TIGGO 7 PREMIUM
MOTOR TURBO IFLEX "HIGH PERFORMANCE"
CÂMBIO AUTOMÁTICO DUPLA EMBREAGEM "DUAL CLUTCH"
ADVANCED TECHNOLOGY



4 CÂMERAS (FRONTAL,
LATERAIS E DE RÉ) COM VISÃO
TRIDIMENSIONAL DE 360°.



CENTRAL MULTIMÍDIA COM
TELA DE 9" TOUCHSCREEN,
COM APPLE CARPLAY
E ANDROID AUTO.



BANCOS ELÉTRICOS EM
COURO COM AQUECIMENTO,
REGULAGEM ELETRÔNICA
E AJUSTE LOMBAR PARA
O MOTORISTA.



AR-CONDICIONADO DIGITAL
"DUAL-ZONE" COM
SAÍDA PARA O BANCO
DOS PASSAGEIROS.



AMPLO ESPAÇO INTERNO
PARA MOTORISTA
E PASSAGEIROS.
AMPLO PORTA-MALAS.

1. CAO A Chery Tiggo 7 1.5T, 0 km, emplacada, ano/moeda: 2019/2020, valor total financiado de R\$ 54.990,00 à vista (sem juros), 2. DOCUMENTAÇÃO E IPVA 2020 (GRATUITOS) - Condição válida para modelo Tiggo 7 1.5T, 1. PRACELAS PARA 2027 - Entrada mínima de 05% (R\$ 56.994,00) e saldo em 36 parcelas mensais de R\$ 1.422,00, sendo a primeira com pagamento em até 150 dias, com amortização de taxa de 1,37% a.m. e 17,0% a.a. Taxa de Cadastro de R\$ 2.500,00 (incluída no parcelado), valor total financiado de R\$ 105.996,00 (Banco Financiera Alfa S.A.), Condição válida para modelo Tiggo 7 1.5T, 0 km, ano/moeda: 2019/2020, 4. TAXA DE 0% - Entrada mínima de 70% (R\$ 65.493,00) e saldo em 24 parcelas mensais de R\$ 1.202,00, sendo a primeira com pagamento em até 30 dias, com amortização de taxa de 0% a.m. e 0% a.a. Taxa de Cadastro de R\$ 2.500,00 (incluída no parcelado), valor total financiado de R\$ 152.000,00 (Banco Financiera Alfa S.A.), Condição válida para modelo Tiggo 7 1.5T, 0 km, ano/moeda: 2019/2020, 5. CAMPANHA TABELA P.P. - Válida para o modelo Tiggo 7 1.5T, 0 km, ano/moeda: 2019/2020. Sobre o valor da Tabela P.P., os veículos que estiverem com o seu Documento Único de Transferência - DUJ - no nome do comprador de veículo 30 km em nome de prestação de P.P. ou, Chery e Dorel, desde que comprovado a partilha por meio de documentação oficial. Consulte a lista de veículos elegíveis para a Campanha Tabela P.P. para a sua região através do site Concessionária 320 Melhores, ou qual deve ser depositado também sobre as seguintes condições comerciais: 1º - Garantia de 3 Anos ou 100.000 km, 2º - Registro de veículos realizado dentro do prazo estipulado pelo montador e com autenticidade limitada à 35.000 km por ano, sem registro de sinistro, qualificação de modelo e furto e/ou avaliação de grande monta, 3º - Enquadramento do veículo nas condições acima por meio de visita presencial, com aprovação do veículo realizada pelo Concessionário 320 Melhores, 4º - Chave reserva em perfelis condições de uso, Manual do Proprietário, Certificado de Garantia com as revisões realizadas dentro do prazo determinado pela montadora nos termos do Manual do Proprietário, 5º - O veículo deve estar em perfeitas condições de uso, sem a necessidade de reparos e troca de peças. Caso haja a necessidade de reparos, como reparos ríscos, amassados, bicho no para-choque, identificação de peças, etc., a avaliação estará ligada ao desconto do serviço conforme Tabela de preços de revisões 320 Melhores. Os custos de entrega e coleta de peças devem ser previamente avaliados, sendo a taxa de entrega e coleta de peças cobrada. Campanha válida somente no Brasil do modelo em estoque. 6. Condição de Financiamento: análise e aprovação de crédito e emissão de proposta de crédito seguras. Essas condições são válidas para todo o Brasil, exceto nos estados de São Paulo, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo e revisões dependentes de aprovação. Condição exclusiva para a rede de Concessionárias 320 Melhores. Consulte sempre as condições comerciais autorizadas. Para mais informações, acesse www.320melhores.com.br e consulte condições para os demais veículos, como outros veículos, outros cores e outros itens, nas Condições Autorizadas de venda CAOA (CHERY-320 Melhores). Condições sujeitas a análise e aprovação do crédito e demais condições de produto vigente na data da contratação. As condições podem ser alteradas a qualquer momento sem prévio aviso em função de mudança de mercado. As promoções constantes deste anúncio não são cumulativas entre si nem com nenhuma outra promoção que vier a ser veiculada no mesmo período. Condições válidas até 30/09/2020 ou enquanto durarem os estoques. Para mais informações, acesse www.320melhores.com.br.

GO 7 2021

TRAJETÓRIA DE SUCESSO.



430 LITROS

PORTA-MALAS DE 414 LITROS,
MAIOR DO QUE O DO JEEP COMPASS
 E COM COMPARTIMENTO ADICIONAL DE SEGURANÇA
 DE 16 LITROS, OCULTO NO ASSOALHO.

ÚLTIMAS UNIDADES
 0 km 2020

TAXA 0%
IPVA 2020 TOTAL
E DOC. GRÁTIS

— OU —

TABELA FIPE

1ª PARCELA
PARA 2021



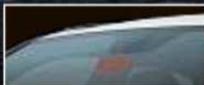
RODAS ARO 18"



SISTEMA DE MONITORAMENTO
 DE PRESSÃO E TEMPERATURA
 DOS PNEUS.



FREIO ELÉTRICO AUTOMÁTICO
 COM "AUTO HOLD" E
 ASSISTENTE DE PARTIDA
 EM RAMPA. ASSISTENTE DE
 DESCIDA.



SENSOR DE CHUVA
 COM REGULAGEM
 AUTOMÁTICA DE VELOCIDADE
 DOS LIMPADORES.



VOLANTE MULTIFUNCIONAL
 EM COURO, COM COMANDOS
 DE TELEFONE, SOM E PILOTO
 AUTOMÁTICO.



8 AIRBAGS: FRONTAIS,
 LATERAIS E DE CORTINA.



APONTE A CÂMERA
 DO SEU CELULAR
 E FALE COM A GENTE.

0800-777 5448
WWW.D21MOTORS.COM.BR



CAOA CHERY
 QUALIDADE, TECNOLOGIA E DESIGN

ANTES QUE SEJA TARDE

Antes de Sergio Moro se apropriar da frase, Mahatma Gandhi já pregava que “fazer o certo” é sempre a melhor alternativa. O ministro Paulo Guedes embarcou na aventura de um governo Bolsonaro com planos de fazer o certo: controle de gastos, desburocratização, privatização e uma série de medidas que indicariam a busca de um equilíbrio maior nas contas públicas, em frangalhos desde que a ex-presidente Dilma Rousseff decidiu usar suas habilidades econômicas para reger o país.

Quase dois anos depois, o que era certo hoje vacila e o ministro se prepara para colocar sua assinatura em algo que não condiz com o histórico de ideias que expôs no debate público ao longo dos anos. É plausível que, num contexto de pandemia e uma crise econômica que não se via desde 1929, medidas anticíclicas sejam implantadas para proteger os mais vulneráveis e as empresas que geram emprego. Coisa muito diferente é valer-se do advento do novo coronavírus para lançar um pacote composto de medidas heterodoxas cujo objetivo não é ajudar os brasileiros mais pobres a navegar pela crise, mas patrocinar, com pagamento antecipado, o plano de reeleição de Jair Bolsonaro.

A falta de recursos para que o Estado brasileiro amplie benefícios tem sua faceta mais reveladora no plano de corte do abono salarial e do seguro-defeso, que garantem uma renda mínima a setores carentes, e do Farmácia Popular, que permite a aquisição de medicamentos de baixo custo e gratuitos por 21 milhões de pessoas, para garantir que o Renda Brasil seja turbinado em R\$ 100. Ao rechaçar o plano, Jair Bolsonaro resumiu bem o absurdo da ideia: “Não vou tirar do pobre para dar ao paupérrimo”. Ocorre que a escassez de dinheiro não fez

o presidente desistir do projeto de suplementar o Bolsa Família bolsonarista. Paulo Guedes recebeu a missão de “dar um jeito” de encontrar espaço para melhorar o benefício, que atinge cirurgicamente um eleitorado que sempre foi petista e hoje viu sua vida ser transformada pelos R\$ 600, como explica o economista Maurício Moura em entrevista a esta edição de ÉPOCA (*leia na pág. 32*).

Mas, quando se olha em perspectiva, em que situação estariam as contas públicas para que seja necessário o corte de benefícios que ajudam os mais carentes, para que outro seja melhorado, assistindo com maior eficiência os novos simpatizantes do presidente? A resposta está nos números: neste ano a dívida pública chegará a quase 100% do PIB e o déficit fiscal a R\$ 900 bilhões. Não parece haver, portanto, nenhum espaço nas contas do Tesouro para patrocinar um governo mais generoso.

Houve um tempo em que se praticava a contabilidade criativa no Brasil para que fosse cumprida artificialmente a meta de superávit primário. Deu impeachment. Com o rombo fiscal próximo de R\$ 1 trilhão, hoje o país não pode mais se dar ao luxo de perseguir uma meta de economia fiscal no azul. A única sinalização de que o país tem boa vontade em honrar suas obrigações com o Tesouro é a manutenção do teto de gasto, mecanismo sobre o qual Jair Bolsonaro já titubeou. Resta, portanto, ao ministro Guedes, voltar a suas reflexões do passado e “fazer o que é certo”.

É atribuída a Tancredo Neves a frase “não se faz política sem vítimas”. Jair Bolsonaro começou a fazer política mirando 2022. Se nada mudar, as vítimas dessa fatura seremos todos nós.

WEBINAR

Indústria em debate

INFRAESTRUTURA & RETOMADA DA ECONOMIA

Os investimentos em infraestrutura e as Parcerias Público-Privadas (PPP) serão decisivos para o Brasil avançar no pós-pandemia. O Webinar Indústria em Debate receberá especialistas do setor para discutir os desafios dos diferentes segmentos da indústria e as possíveis soluções para a retomada da economia.

Participe!

3 de setembro, das 11h às 13h

TRANSMISSÃO AO VIVO

nos sites do **O GLOBO**, **Valor** e **EPOCA** e nas suas redes sociais:



Inscreva-se em:
industriaemdebate.oglobo.com.br

Palestrante



Tarciso Gomes de Freitas
Ministro da Infraestrutura

Debatedores



Robson Braga de Andrade
Presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI)

Cláudio Frischtak
Economista e Especialista em Infraestrutura



Gilberto Porcello Petry
Presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (FIERGS)

Mediador



Ascânio Seleme
Colunista do jornal O GLOBO

Patrocínio:



Realização:



do leitor

escreva para
epoca@edglobo.com.br

ÉPOCA 1154



INFÂNCIA INTERROMPIDA

As falhas do Estado capazes de prolongar o sofrimento

de uma criança vítima de estupro

O direito ao aborto legal é a única proteção real que o Estado pode proporcionar à mulher, moça ou criança que foi estuprada. Pois só deve caber a essa mulher a decisão de realizar ou não o aborto. A sociedade pode ter sua opinião, mas não tem o direito de decidir por ela. Por isso a importância de que o país seja laico, para que possa ser justo com toda a sua população. Crianças, meninas e mulheres são vítimas diárias de abusadores no Brasil. Depois, ainda têm de buscar ajuda às escondidas, como se fossem as culpadas pelo abuso. Isso, sim, é outro abuso que elas e seus responsáveis diretos acabam sofrendo. O direito ao aborto legal grita em cada situação que vemos diariamente ocorrer e é a única forma de cuidarmos da saúde física e emocional dessa pessoa. Não podemos viver à mercê das crenças particulares das pessoas que fazem as leis. Se assim foi feito no passado, tem de mudar no presente, para que tenhamos um futuro mais justo e melhor.

Mônica Delfraro David, Campinas, SP

Estado ausente, miséria e barbárie presentes. As vítimas se multiplicam enquanto escravas de um sistema seletivamente perverso. Até quando?

Márcio dos Santos Barbosa,
Rio de Janeiro, RJ

Estado e sociedade falham. Pois, quando acontece algo desse tipo e podemos tentar ajudar, nem que seja com palavras e sentimentos de solidariedade, algumas pessoas atacam as vítimas com seu fanatismo.

Adriana Maia, via Facebook

As pessoas que só pensam no endurecimento das punições ignoram que no Brasil a grande maioria dos crimes violentos não é esclarecida, os culpados não são sequer estabelecidos. No caso de homicídios, por exemplo, para mais de 90% deles não é atribuída a autoria. Assim, mesmo que seja aprovada a lei mais dura e a punição mais severa do mundo, esses 90% de assassinatos, com as condições atuais, continuariam impunes. É preciso olhar para como funciona todo o sistema de investigação criminal e pensar em prevenção e no acolhimento das vítimas (que no caso de crimes sexuais costumam ser muitas vezes mal acolhidas e desencorajadas a denunciar).

Pedro Penuela, via Facebook

Impressionante o número de casos que ocorrem, dos quais temos conhecimento pela imprensa. Deve haver, em ações paralelas, por parte do governo, toda uma dedicação assistencial à vítima, bem como um monitoramento da mesma, para que ela volte a ter uma vida normal. É uma severa punição ao criminoso, física e carcerária, de tal forma que

lhe impossibilite, para sempre, praticar novamente o referido ato. Infelizmente, a maioria das vítimas convive num ambiente de vulnerabilidade, sem nenhuma segurança familiar, tudo isso fruto da inexistência de uma política de saúde pública, consubstanciada em falta de habitação digna, com o mínimo de dignidade humana, tal como água, luz e esgoto, de escolaridade obrigatória, de atendimento médico, de segurança pública e de falta de emprego, cada vez mais presente. Enquanto esses requisitos não forem viabilizados, esses tipos de crimes continuarão se repetindo.

Rogério Piccoli, via Facebook

AMIGOS PARA SEMPRE

Em sua nova encarnação política, Jair Bolsonaro descobre as maravilhas da vida no centrão, onde Guedes não é bem-vindo

Com mais de duas dúzias de partidos com representação no Congresso, sob o regime presidencialista, só haverá governabilidade com a adoção do presidencialismo de coalizão. E, para que tal tenha êxito, evitando-se o toma lá dá cá rasteiro, que tem dominado nossa política, seria fundamental a elaboração de um projeto de governo no qual os partidos que o apoiassem compartilhassem responsabilmente de sua gestão. Na ausência de tal projeto, encurralado pelo Congresso, Bolsonaro, assim como a maioria de seus antecessores, viu no centrão sua salvação, aliando-se ao que há de pior na política brasileira: figurinhas carimbadas, prontas a aderir a quem detém o poder, para seu proveito pessoal.

Dirceu Luiz Natal, Rio de Janeiro, RJ



DIRETOR-GERAL Frederic Zoghbi Kachar
DIRETOR DE NEGÓCIOS Ricardo Rodrigues
DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO COMERCIAL Tiago Afonso
DIREÇÃO DE AUDIÊNCIA Ricardo Ficoetto e Sívica Dias
DIREÇÃO EDITORIAL Daniela Tolofé e Sandra Boccia

EPOCA

EDITORA-CHEFE Ara Caira Costa
epocadir@edglobo.com.br

EDITORES EXECUTIVOS - INTEGRADA Maria Fernanda Delmas (coordenadora),
Alessandra Avim, André Miranda e Fátima Barbosa
EDITOR Eduardo Salgado
COLUNISTAS Guilhermo Amado, Heio Gurovitz, Larry Rohter e Monica de Bello

EPOCA ON-LINE Fátima Brisoia (editor), Paola Serra
e Rodrigo Castro

EDITOR DE ARTE Mateus Valadares
DESIGNERS Daniel Vides Veres e Gustavo Amaral
SECRETARIA EDITORIAL Marco Antonio Rangel
FOTOGRAFIA EDITOR André Sumetto
REVISÃO Araci dos Reis Galvão de França (coordenadora),
Kátia Regina de Almeida Silva e Mariana Rimoli Dumans
CARTAS À REDAÇÃO EPOCAREDOLOGO.COM.BR
ASSISTENTE EXECUTIVA Jacqueline Damasceno
REDAÇÃO RIO DE JANEIRO EPOCAREDOLOGO.COM.BR
Rua Marquês de Pombal, 25, 5º andar, Cidade Nova, CEP 20.230-240 - Rio de Janeiro - RJ
SUCURSAL BRASILEIRA EPOCAREDOLOGO.COM.BR
DIRETOR Paulo Cezar Pereira
SCN, Quadra 5 - Bloco A, nº 50, s. 301, Brasilia Shopping and Towers, CEP 70.715-900 - Brasília - DF
SÃO PAULO SUCURSALSPREDOLOGO.COM.BR
DIRETORA Leticia Sardi
Avenida Nove de Julho, 5229, 9º andar, CEP 01407-907, Itaim Bibi - São Paulo - SP

MERCADO ANUNCIANTE | SEGMENTOS - FINANÇAS, IMOBILIÁRIO, INFRAESTRUTURA, INDÚSTRIA/ENERGIA |
DIRETOR DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA Emílio Morad Harsen | GERENTE DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA
João Carlos Meyer EXECUTIVOS MULTIPLATAFORMA Catarina Augusta Pedross dos Santos, Edvaldo da
Silva, Fábio Bastos Ferreira de Andrade, Francinara Pacheco Santos, José Carlos Brandão,
Milton Luiz Abrantes, Seimex Teixeira da Costa | SEGMENTOS - VIAGEM, TELECOM, TECNOLOGIA, MÍDIA,
ELETRÔNICO, GOVERNO SP, SERVIÇOS PÚBLICOS SOCIAIS | DIRETOR DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA Ciro Horta
Hashimoto | GERENTE DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA Lilian Cassamassimo Baíma EXECUTIVOS
MULTIPLATAFORMA Christian Lopes Hamburg, Roberto Loz Junior, Priscila Ferraes de Silva, Karina
Perachoni Primi | SEGMENTOS - MODA, BELEZA, HIGIENE DOMÉSTICA E PESSOAL, SHOPPING, DECORAÇÃO, SAÚDE,
VIAS AÉREAS, TURISMO, AGRONEGÓCIO | DIRETORA DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA Sandra Regina de Melo Pele |
GERENTE DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA Cláudia Capoltra (Moda, Beleza, Higiene Doméstica e
Pessoal) | COORDENADORA DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA Fátima Regina Ottaviani (Decoração)
EXECUTIVOS DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA Caio Caprioli, Eliana Lima Fagundes, Karina Zuccaro, Lilian de
Marche Noffs, Marco Malzoni Berreto | SEGMENTOS - EDUCAÇÃO, ALIMENTOS E BEBIDAS, PUBICULTURA,
ENTRETENIMENTO, OUTROS - DIRETOR DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA Lucio Miguel Del Cielo | EXECUTIVOS DE
NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA César Augusto Picchi Darozzo, Marco Glúdi, Nara Moimbo | RIO DE JANEIRO
- DIRETOR DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA Marcelo Lima da Cunha Mattos | GERENTE DE NEGÓCIOS
MULTIPLATAFORMA Daviane Chaves Campos Machado (Viagem) e Monica Monnerat Silva (Beleza,
Moda, Shopping) | EXECUTIVOS DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA Alessandra Fernandes, Beatriz Alves,
Claudia Coullinho, Daniela Chelini, Kalirka Araújo, Marley Trindade | GERENTES DE NEGÓCIOS
MULTIPLATAFORMA GOVERNO, SERVIÇOS PÚBLICOS SOCIAIS, ENERGIA: Luiz Manso | EXECUTIVOS DE NEGÓCIOS
MULTIPLATAFORMA Robert Correa (Energia), Claudio dos Santos e Marcelo Aguiada Valentin (Governo) |
COORDENADOR DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA PESSOAS E MEIOS ANUNCIANTES: Rubens Gluedes |
COORDENADOR DE NOVOS NEGÓCIOS: Fabio Paz Lago | BRASILIA - GERENTE DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA Luiz
Manso | EXECUTIVA DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA Luciana Gomes Burnett | CONTATO PUBLICIDADE
Candida Ara Vieira | ESCRITÓRIOS REGIONAIS - DIRETOR DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA Lucio Miguel del
Cielo | GERENTE MULTIPLATAFORMA Thais Éboli Haddad | DESENVOLVIMENTO COMERCIAL | GLAS Edward
Pimenta | PROJETOS ESPECIAIS SP/RS: Leonardo André | EVENTOS SP Daniela Viçente | EVENTOS RJ Claudia Lobo |
OPERAÇÕES ESPECIAIS Anderson Góes (gerente)



EPOCA É UMA PUBLICAÇÃO SEMANAL DA EDITORA GLOBO S.A. Avenida 9 de Julho, 5229 9º andar 907 São Paulo SP
Distribuição exclusiva para o Brasil e para o Exterior em Distribuição Nacional de Publicações CIPROCA Rural Indústria Gráfica Ltda.
Av. Marcos Pennato de Linares Rondonias, 700 08543-001 Tomba, São Paulo, SP

O Bureau Veritas Certification, com base nos processos e procedimentos descritos no seu Relatório de Verificação,
atendendo um nível de confiança razoável, acredita que o Inventário de Classes de Fátima Estuá - no 2012, da Editora Globo
S.A., e preço, conforme o nível de erro ou distorção e é uma representação equitativa dos dados e informações de GEE
sob o método de referência, para o escopo definido, foi elaborado em conformidade com o ISO 9001:2008 e ISO 10002
Especificações do Programa Brasileiro OHS Protocol.



VENDAS CORPORATIVAS
E PARCELIAR
11 3767-7226
jpareira@edglobo.com.br

ISSA ANUNCIAR
SÃO PAULO
(11) 3768-7128 / 3767-7447
(11) 3767-7492 / 3767-7388
3736-7005 / 3767-7557

RIO DE JANEIRO
(21) 3380-9330 / 3380-9323
BRASÍLIA
(61) 3410-8953

NA INTERNET
www.edglobo.com.br
In/epa
@025-5185

ASSINATURAS
0025-5183
www.saeglobo.com.br

Envie o seu anúncio
antes do prazo ao preço
de edição anual, desde que
haja concordância de
entidade. Faça seu pedido na
bancas de jornais.

LICENCIAMENTO DE
CONTEÚDO
(11) 2534-5177 / 2534-5838 /
2534-5595
versos.comunic@edglobo.com.br

Envie o seu anúncio
antes do prazo ao preço
de edição anual, desde que
haja concordância de
entidade. Faça seu pedido na
bancas de jornais.

LICENCIAMENTO DE
CONTEÚDO
(11) 2534-5177 / 2534-5838 /
2534-5595
versos.comunic@edglobo.com.br

PARA SE CORRESPONDER
COM A REDAÇÃO
Envie cartas ao
Diretor de Redação, Editora
Caira Costa, Rua São Paulo, CEP
05115-999 - São Paulo, SP
Tel: (11) 3767-7003
CEP 05115-999,
São Paulo, SP
Fax: (11) 3767-7003
E-mail: epocadir@edglobo.com.br

As cartas devem ser
encaminhadas com
qualificação, endereço e
teléfono do remetente.
EPOCA reserva-se o direito
de selecionar e reutilizar
para publicação.
Se podem ser indicadas na
edição da mesma semana
as cartas que chegam à
Redação até as 12 horas
da quarta-feira.

As cartas devem ser
encaminhadas com
qualificação, endereço e
teléfono do remetente.
EPOCA reserva-se o direito
de selecionar e reutilizar
para publicação.
Se podem ser indicadas na
edição da mesma semana
as cartas que chegam à
Redação até as 12 horas da quarta-feira.

PAULA LAVIGNE x EDUARDO DAMIAN

**A empresária e o advogado
divergem sobre a proibição
para que artistas façam shows
em lives em favor de candidatos
durante a campanha eleitoral**

O argumento da produtora Paula Lavigne é até aceitável. Neste momento de crise extrema, devido à pandemia, qualquer oportunidade que permita que artistas faturem por meio de sua arte seria muito bem-vinda. Já o argumento de que fere a liberdade de expressão, em minha opinião, não cabe nesta discussão. Mas eu avalio que a posição do presidente da Comissão Especial de Direito Eleitoral da OAB, Eduardo Damian, é mais coerente e lógica, pois não tem sentido dizer que, se o show for on-line, estará fora da lei que os proíbe. E, que me desculpe a classe artística, mas, mesmo proibindo as contratações de showmícios, não há como garantir que candidatos de maior poder econômico não encontrem facilidades de pagar por fora e se beneficiar dessa conhecida e negativa forma usada para influenciar votos, ainda presente em nossa cultura eleitoral. Além dos mais, a cereja do bolo deve ser sempre o candidato e sua plataforma, e não o show.

Abel Pires Rodrigues, Rio de Janeiro, RJ

A FORÇA DO SANGUE

**Larry Rohter comenta a polêmica
envolvendo a indicação da senadora
negra Kamala Harris como candidata
à Vice-Presidência dos EUA e faz
comparação com o Brasil**

Kamala Harris é gente, é mulher e é isso que importa. Até quando nossa cor, nossa etnia vão nos definir?

Ezequiel Barbosa, via Facebook

BOONCHA WEOMAKAWAN/D/GETTY IMAGES



26. TIROS EM CUIABÁ SOBRE JOVENS E ARMAS

ÉPOCA revela novos detalhes da investigação sobre a morte de Isabelle, atingida pelo disparo de uma pistola empunhada por sua amiga de 14 anos

32. 7 PERGUNTAS PARA... MAURÍCIO MOURA

O presidente da consultoria Ideia Big Data explica por que a rachadinha afeta pouco a imagem de Bolsonaro: o eleitor de alta renda vê o escândalo como algo menor que o petróleo e o de baixa renda enxerga o presidente como um "corrupto que ajuda"

36. CONCORDAMOS EM DISCORDAR GERSON ZAFALON MARTINS x LUCIANA DADALTO

O médico e a advogada discutem os aspectos clínicos e jurídicos que envolvem a prática da ortotanásia, regulamentada no país, em relação à eutanásia, proibida

40. SINAL FECHADO #GERAÇÃORECESSÃO

O drama dos brasileiros com menos de 30 anos que ao se tornarem adultos só viram crise pela frente — e por que o azar deles é também o de todos nós

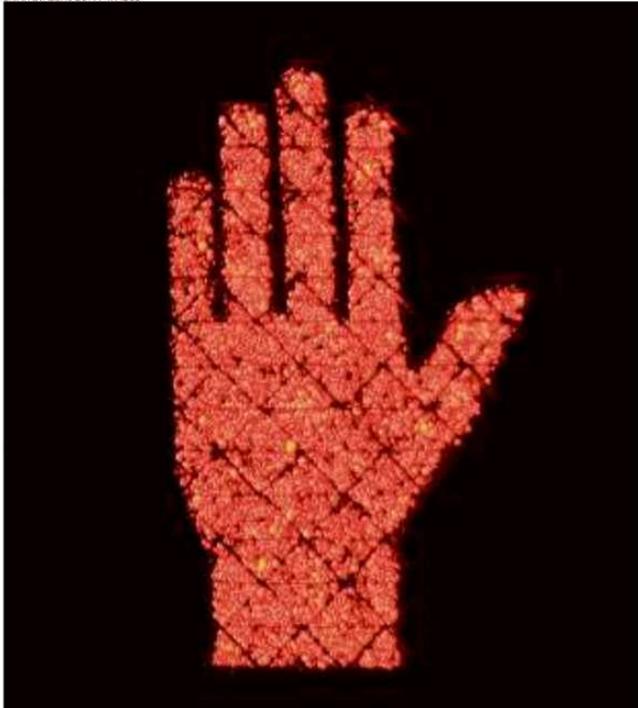
14. PERSONAGEM DA SEMANA FLODELIS

A incrível história da deputada Flordelis dos Santos, acusada de usar parte dos 33 netos e filhos para matar o próprio marido, que tinha sido adotado por ela quando adolescente

18. FUTURA EX FOGO AMIGO NA ESPLANADA

Após uma ascensão meteórica, Karina Kufa, advogada do presidente Bolsonaro, protagoniza uma rede de intrigas palacianas que minaram seu poder

BRIAN STABLYK/GETTY IMAGES



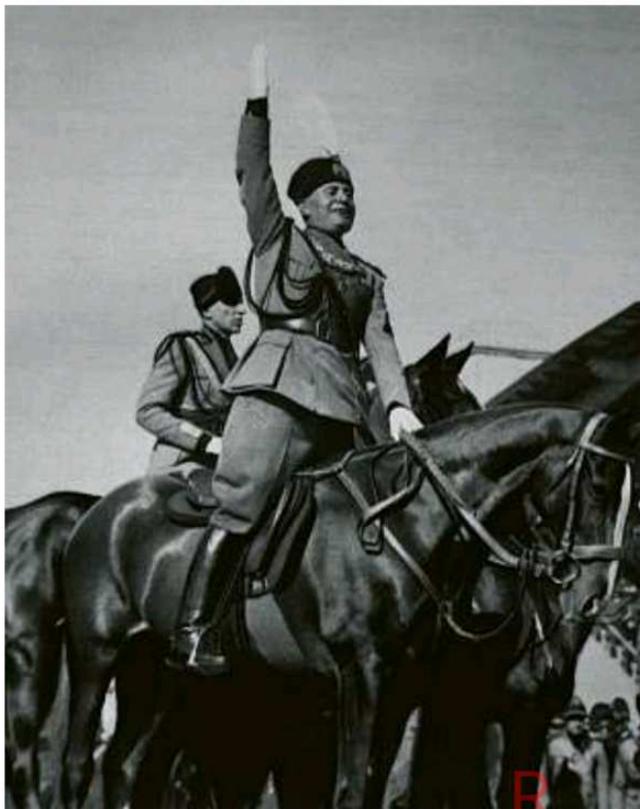


PHOTO12/UNIVERSAL IMAGES GROUP V A GETTY IMAGES

R

46. VIVI PARA CONTAR COVID-19 NAS UTIS

Dois médicos infectologistas relatam o que aprenderam na observação de pacientes após a chegada do vírus que matou mais de 115 mil pessoas no país

52. LIKE NO GOVERNO REDE HINDU

Como o Facebook ignorou suas próprias regras contra o discurso de ódio para preservar as boas relações com o governo da Índia

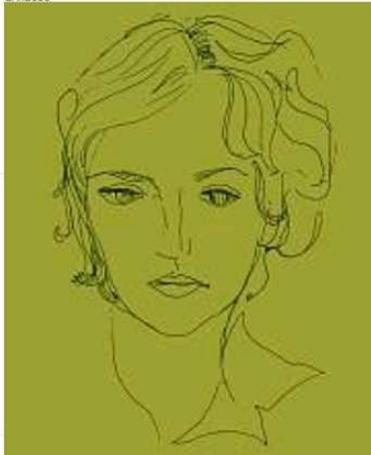
56. ECOS DO SÉCULO XX A RAMPADA PARA O FASCISMO

Governos com traços autoritários embalados por fanáticos ressentidos: esse receituário perigoso tem feito intelectuais voltarem a se debruçar sobre o movimento de extrema-direita que deveria ter morrido no pós-guerra

62. LETRAS NA GAVETA OS VERSOS BUCÓLICOS

Afastada há anos da cena literária no interior de Minas Gerais, a poeta Maria Lúcia Alvim, de 87 anos, lança *Batendo pasto*, que reúne poemas inéditos escritos em 1982

CÁROLUS



COLUNISTAS

24. GUILHERME AMADO

A hora de defender as instituições

35. ALLAN SIEBER

39. HELIO GUROVITZ

Aqueles que dividiam a mesma mesa e hoje se estapeiam

66. LARRY ROHTER

Envenenados aos poucos

MONICA DE BOLLE

A colunista está de férias

capa: arte sobre foto de acervo pessoal

sumário 31.08.20

PERSONAGEM DA SEMANA

por Carolina Heringer

FLORDELIS



A incrível história da deputada acusada de usar parte dos 33 filhos e netos para matar o próprio marido, que tinha sido adotado por ela quando adolescente

A eleição da deputada federal Flordelis dos Santos, pelo PSD do Rio de Janeiro, parecia consagrar uma história de superação que teve início há duas décadas e meia. A partir dos anos 1990, Flordelis deu início ao acolhimento de crianças na favela do Jacarezinho, no Rio, onde ela nasceu e foi criada. Pastora evangélica, ficou conhecida como a “mãe de 55 filhos”, contabilidade que incluía os biológicos, adotados e afetivos.

Com a imagem de que era perseguida pela Justiça, que apontava irregularidades nas adoções, Flordelis não demorou para cair nas graças de parte da classe artística. Em 2009, sua vida foi contada em um documentário estrelado por atores como Bruna Marquezine e Cauã Reymond. Foi com esse empurrão que a pastora entrou no meio musical e se cacifou para o jogo político.

Por causa das negociações da trilha sonora do documentário, Flordelis se aproximou do senador Aroldo de Oliveira (PSD), dono da gravadora evangélica MK Music, da qual passou a fazer parte do casting. Anos depois, ele viria a ser seu padrinho político. Quando conquistou impressionantes 200 mil votos em 2018, Flordelis já era cantora evangélica e tinha sua própria igreja em São Gonçalo, na Região Metropolitana do Rio.

Tudo ia bem até o pastor Anderson do Carmo ser assassinado, oito meses após o pleito. Anderson, também oriundo do Jacarezinho, chegou à casa de Flordelis nos anos 1990 como seu filho. Na época, ele tinha 14 anos e ela 30. Em 1998, quando o pastor atingiu a maioridade, eles se casaram. Ao longo da ascensão de Flordelis no meio ar-

tístico e religioso, a participação de Anderson costumava aparecer mais nos bastidores. Ele era o grande articulador da casa, que também controlava com pulso firme as finanças e os conflitos entre os — muitos — filhos. Essa “divisão” de papéis acabou sendo ponto crucial para o crime.

Anderson foi assassinado a tiros na garagem da casa da família em Pendotiba, Niterói, na Região Metropolitana do Rio, local onde moravam, além do casal, 33 filhos e netos, entre eles 12 crianças e adolescentes. Entender as relações na numerosa família exige um pouco de atenção. Flordelis é chamada de mãe não apenas por seus filhos biológicos — que são três — e afetivos, mas também por netos, noras e genros. Ali, caisais se formaram até mesmo entre filhos.

Essa complexa relação familiar levava a inúmeros conflitos, principalmente pelo tratamento diferenciado dado a alguns filhos e netos, em especial os biológicos. Flordelis tinha um despensa separada em seu quarto a que apenas alguns integrantes da família tinham acesso. Os preferidos da matriarca também ganhavam presentes especiais e tinham mais facilidade em receber mimos em dinheiro. Por causa dessa postura, Flordelis tinha embates com Anderson, que exigia que todos trabalhassem para ter sua própria renda.

No fim de 2018, um episódio levou Flordelis à ira. Anderson determinou que filhos e netos já maiores de idade contribuíssem com o valor do plano de saúde. A pastora revoltou-se com a atitude do marido. “Os filhos são meus, essa família é minha”, afirmou ela pelo WhatsApp.

De acordo com a acusação do Ministério Público do Rio de Janeiro, a deputada Flordelis dos Santos planejou e convenceu filhos e netos a cometer o assassinato de Anderson do Carmo

SER HOMEM FOI O ÚNICO JEITO DE SOBREVIVER AO TALIBÃ

A incrível história real da menina afegã que
renuncia sua identidade para salvar a família



Aos oito anos de idade, Nadia teve a casa onde vivia destruída por uma bomba. Ela teve o rosto deformado e, após passar dois anos internada, descobre que não poderá mais depender da força de trabalho dos homens da sua família. Subvertendo as leis do talibã, que proíbem as mulheres de trabalhar, ela assume a identidade do irmão morto para buscar o sustento da família.

A woman with long, wavy brown hair is standing against a background of vertical wood-grain panels. She is wearing a dark blue denim dress with a full-length zipper down the center, a horizontal seam with a frayed edge across the chest, and bell sleeves. She has a serious expression and is looking slightly to the right. Her right hand is on her hip, and she is wearing a ring on her ring finger. Her left hand is resting on her thigh, also wearing a ring on her ring finger.

FOGO
AMIGO
NA
ESPLANADA

Após uma ascensão meteórica, Karina Kufa, advogada do presidente Bolsonaro, protagoniza uma rede de intrigas palacianas que minaram seu poder

por Guilherme Amado

Jair Bolsonaro já havia decidido parar de trabalhar naquela tarde, uma das primeiras de julho, quando recebeu dois de seus principais correligionários no Palácio da Alvorada. A dupla, fiel aliada do presidente, estava preocupada em esclarecer informações que haviam chegado ao ex-capitão por meio de sua advogada, Karina Kufa. Bolsonaro ouviu com atenção o relato. Era a quinta reclamação recebida em poucas semanas pelo presidente sobre Kufa, sua representante em diferentes casos eleitorais e um dos poucos rostos femininos num projeto de poder essencialmente masculino.

Nos dois meses anteriores, Bolsonaro havia sido procurado por ministros, deputados e integrantes da cúpula do Aliança pelo Brasil, o partido que ele tenta fundar há quase um ano, com queixas diversas sobre a advogada. Todos os reclamantes diziam-se vítimas de intrigas criadas por ela, feitas diretamente ao próprio presidente ou por meio de seus filhos e principais assessores. Uma das acusações chegava a atribuir a Luís Felipe Belmonte, o vice-presidente do Aliança, a intenção de pagar propina a assessores do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para alavancar a sigla — ele nega, enquanto ela afirma a interlocutores ter documentos para provar o que diz. Mesmo na família presidencial, Kufa criou adversários. Um dos mais irritados era — e ainda é — o senador Flávio Bolsonaro (Republicanos-RJ), por causa de movimentos dela para isolar Frederick Wassef, seu ex-advogado, que escondeu

Fabrizio Queiroz. Mas o rosário de lamúrias ao presidente tem sido longo.

Chegaram a Bolsonaro relatos críticos a Kufa da parte de Fabio Wajngarten, secretário de Comunicação; Sergio Lima, marqueteiro do Aliança pelo Brasil; Admar Gonzaga, ex-ministro do Tribunal Superior Eleitoral e advogado eleitoral do presidente, ao lado de Kufa; Célio Ribeiro, chefe de gabinete de Bolsonaro; Luís Felipe Belmonte, vice-presidente do Aliança, e, principalmente, de maneira irada, de Frederick Wassef.

O advogado que defendeu Flávio Bolsonaro durante meses e, enquanto escondia Queiroz, desfilava pelos gabinetes do poder em Brasília e até em programa de TV afirmando também representar o presidente, pediu a cabeça de Kufa. Foi o único a ser tão explícito com a família presidencial sobre o que achava que eles deveriam fazer com a advogada.

Não foi atendido de primeira, mas, desde os primeiros dias de julho, quando Bolsonaro ouviu de dois de seus interlocutores de confiança mais críticas a sua advogada, o presidente decidiu que afastaria Kufa, gradativamente, como se não configurasse um rompimento. Assim, evitaria o surgimento de um novo Gustavo Bebianno (ex-ministro), Alexandre Frota (deputado federal), Joice Hasselmann (deputada federal), Luiz Henrique Mandetta e Sergio Moro (ambos, ex-ministros), entre outros ex-aliados que saíram atirando. A ideia agora é mantê-la a uma “distância segura”, para usar a terminologia empregada por um de seus principais críticos.

Karina Kufa, de 40 anos, consolidou-se como uma das mais poderosas advogadas que orbitam no entorno da família presidencial

Kufa trocou São Paulo por Brasília, onde viu crescer sua rede de contatos, que incluem Dias Toffoli, do STF, e Augusto Aras, da PGR. À medida que tentou ganhar mais poder, também surgiu uma longa lista de desafetos

Kufa, aos 40 anos, havia se tornado uma das mais poderosas advogadas que orbitam no entorno da família presidencial. Foi Bebianno, o ex-ministro de Bolsonaro que havia sido o coordenador da campanha de 2018, que a indicou para equacionar junto à Justiça Eleitoral em São Paulo a situação do diretório paulista do PSL, na época o partido do presidente. E foi em seu escritório lilás, no Jardim Paulista, que Kufa se debruçou sobre a bagunça das contas do PSL no estado, algo que precisava ser resolvido para que Eduardo Bolsonaro não tivesse nenhum embaraço em sua candidatura a deputado federal.

O bom trabalho foi o que a catapultou para ser uma das advogadas eleitorais da campanha, ao lado de Tiago Ayres, indicado por Bebianno para coordenar a área do Direito Eleitoral. Havia sido Ayres quem indicara o nome de Kufa, que ele havia conhecido anos antes em um evento em Brasília.

Nas semanas após a campanha, quando começaram os primeiros atritos entre Bebianno e Eduardo — os ataques de Carlos Bolsonaro a Bebianno ganharam mais holofotes, mas o zero três e o advogado também se desprezavam mutuamente —, Kufa galgou os primeiros degraus do bolsonarismo.

Em meio à debacle de Bebianno no primeiro semestre de 2019, Kufa foi aos poucos ascendendo. Outros advogados do entorno bolsonarista atribuem a ela o afastamento de Ayres, ao afirmar para Eduardo que ele era mais leal a Bebianno do que à família Bolsonaro. Pouco importava o fato de que havia sido Ayres quem redigira o pedido de impugnação da candidatura de Lula ao TSE.

Espécie de padrinho de Kufa no governo até hoje, foi Eduardo quem a recomendou para o pai. Em abril, ela recebeu um telefonema do Palácio do Planalto. Bolsonaro queria vê-la. Dizendo na conversa confiar nela por causa dos elogios de Eduardo, o

desconfiado Bolsonaro entregou-lhe suas causas eleitorais.

No segundo semestre de 2019, a ascensão de Kufa foi meteórica. Em julho, deixou seu escritório em São Paulo e, separada, se mudou com os dois filhos para uma casa no Lago Sul, em Brasília. Aproximou-se de Luciano Bivar, presidente do PSL, de Antonio de Rueda, vice do partido, e de algumas das principais figuras da sigla — hoje, é detestada por ambos. Passou a transitar pelos jantares, palácios e gabinetes com cada vez mais desenvoltura.

Tornou-se amiga de Dias Toffoli e interlocutora de outros ministros do Supremo Tribunal Federal. Com Augusto Aras e Humberto Jacques, respectivamente o procurador-geral da República e vice-PGR, troca mensagens por WhatsApp. Tem bom trânsito no Superior Tribunal de Justiça e criou laços também nas embaixadas. Quem não gostaria de ser próximo da advogada do presidente?

Fez amigos, fiéis a ela mesmo diante da fritura. Disse Carla Zambelli: “Karina faz

Luis Felipe Belmonte (ao lado, abaixo), vice-presidente do Aliança pelo Brasil, e Frederick Wasf (ao lado), o advogado hospedeiro de Fabrício Queiroz, foram alvo de Kufa. A advogada diz ter provas de um plano irregular para viabilizar o partido do presidente

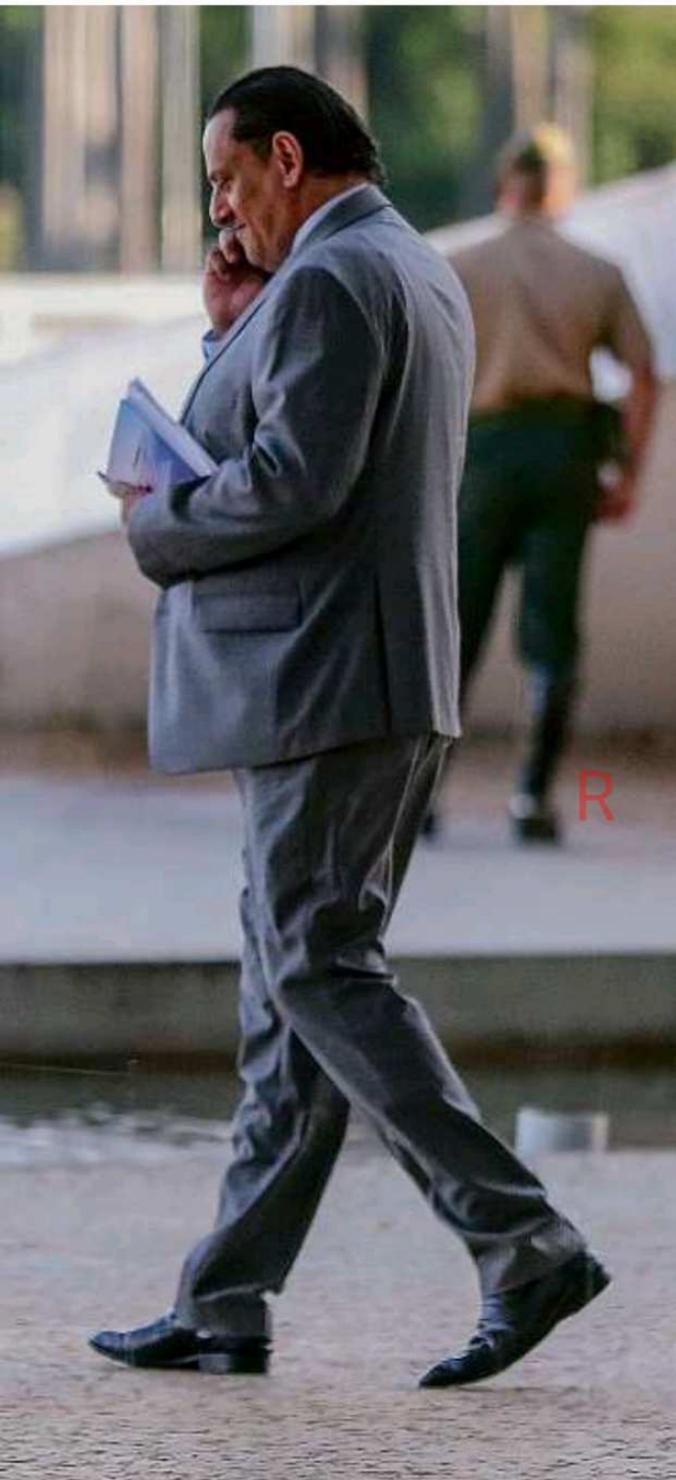


pontes entre as pessoas. Até hoje deu indícios de ser fiel ao presidente. Tem demonstrado nos últimos tempos abrir mão do poder facilmente. No Aliança, ela está abrindo mão de poder para que outras pessoas participem”.

Kufa tem atributos raros entre muitos dos bolsonaristas no governo. Com boa retórica e carisma, sabe cativar. Gosta de dar entrevistas, tem boa relação com jornalistas — uma das razões que fizeram Wajngarten se queixar dela. É bem formada e tem nível cultural acima da média da Esplanada. Suas redes sociais foram usadas ao longo desse tempo como uma vitrine de suas relações, principalmente com o presidente e seus rebentos.

Recentemente, já escanteada, postou uma imagem à mesa da sala do apartamento de Eduardo Bolsonaro, em Brasília, ao lado dele e de Carlos, anunciando que também havia se tornado advogada do zero dois. A foto foi postada em 9 de julho, mês em que Kufa procurou muitos dos que se queixaram para Bolsonaro sobre ela para tentar se redimir.

Não conseguiu estabelecer esse canal de reconciliação com Flávio Bolsonaro. O filho do presidente foi o primeiro a, irado, procurar o pai para se queixar sobre a postura de Kufa no dia seguinte à prisão de Queiroz, quando ela publicara uma nota afirmando que Wassef não era de fato representante do presidente.



Naquela ocasião, Bolsonaro quase se indispsôs com Célio Faria, assessor-chefe de seu gabinete. Confrontada sobre o porquê de haver dito aquilo oficialmente, Kufa afirmou que Faria lhe dissera que o presidente autorizara. O presidente perguntou então a Faria, que negou ter respondido positivamente a Kufa, quando ela o consultara.

Naquela semana, não era a primeira indisposição de Kufa com o presidente. No dia em que a Polícia Federal bateu à porta de 26 bolsonaristas suspeitos de atuar ou financiar atos antidemocráticos, Kufa deu uma entrevista ao vivo, diretamente do estúdio de uma emissora de TV. Disse que aqueles que tivessem se envolvido em algum ato ilegal, que atentassem contra a Lei de Segurança Nacional, aliados do presidente ou da oposição, teriam de ser responsabilizados. A entrevista irritou boa parte dos investigados, de deputados a empresários amigos do governo.

Luís Felipe Belmonte é um homem já grisalho, com um sorriso que o faz parecer o ator Carlos Alberto de Nóbrega e uma conta bancária que o coloca no pódio do financiamento do Aliança pelo Brasil. Na última semana de agosto, enquanto bebericava um suco de uva integral numa das diversas cafeterias gourmet que tanto sucesso fazem em Brasília, Belmonte evitou analisar a trajetória de Kufa, mas repetiu o que admitiu ter contado a Bolsonaro para se defender das acusações que lhe eram imputadas.

Kufa sustenta que Belmonte, diante da dificuldade para tirar o Aliança do papel, teria vindo com uma solução de fazer corar até os mais encrencados pela Lava Jato: contratar assessores do TSE para validarem em dez dias as assinaturas necessárias para a criação do partido.

Belmonte diz conhecer as acusações que rondam contra ele em Brasília, mas nega que sejam verdadeiras. Ele conta que os problemas para validar assinaturas começaram em fevereiro, quando integrantes do Aliança perceberam que teriam somente cerca de dois meses para coletar todas as assinaturas e validá-las a tempo de colocar o partido para concorrer às eleições deste ano. Diz ter sugerido, então, a contratação de digitadores que subiriam as informações no sistema. Nada ilegal. “Conversei com uma pessoa, que me falou da dificuldade de colocar as fichas no sistema.

No entorno do presidente, a ordem é se afastar de Kufa, de forma gradual e sem barulho. Ninguém quer repetir o padrão visto nos casos de deputados hoje ex-aliados, como Frota e Hasselmann, e ex-ministros, como Bebianno e Moro

PABLO JACOB/AGÊNCIA O GLOB





REPRODUÇÃO

Kufa tornou-se influente ajudando Eduardo Bolsonaro (ao lado dela na foto acima, em que também está Carlos Bolsonaro) em São Paulo, mas acabou tirando Flávio Bolsonaro (à esq.) do sério

Essa pessoa me disse que, para colocar no sistema, você tem de contratar gente. Um exército de até 500 pessoas”, contou, desviando-se do sol da manhã que o incomodava.

Ainda segundo Belmonte, em fevereiro, ele foi à Câmara consultar Eduardo Bolsonaro para saber se poderia seguir com a empreitada. Recebeu do zero três uma negativa. Eduardo disse a ele que o pai não fazia questão de ter o Aliança pronto para o pleito deste ano. Sem pressa, Belmonte afirmou ter desistido e não ter levado a ideia de contratar os digitadores à frente. Procurado para confirmar a informação, Eduardo não respondeu aos pedidos de entrevista.

Sobre se Kufa poderia de fato ter provas contra ele, conforme ela afirma a diferentes interlocutores, Belmonte foi taxativo: “Tenho certeza absoluta de que ela não tem, mas também não guardo mágoa da Karina. Conversamos depois disso e nos entendemos”, afirmou, em tom conciliador.

No Planalto, nem todos seguem esse tom. Wajngarten mostrou a meio Palácio um print de uma mensagem de Kufa num grupo de WhatsApp em que ela propunha, brincando, “subir a #sergiolimanasecom”. Sergio Lima, o marqueteiro do Aliança, havia sido levado para o partido pela própria Kufa, mas, desde que a história de que ele queria derrubar Wajngarten passou a circular no Planalto, pessoas simpáticas a Wajngarten passaram a evitá-lo. O próprio secretário, cioso que é de garantir seu espaço perto do presidente, passou a tratar Lima friamente. No fim de julho, Lima aproveitou a ida ao Planalto para um evento e puxou Wajngarten pelo braço. “Fui até o Fabio e disse que não queria o lugar dele. Disse que não é nem um pouco meu objetivo sentar na cadeira dele. Ele me disse: ‘Ainda bem que você acordou, porque você foi usado’”, contou Lima, em uma conversa recente. E

emendou: “Karina não é uma má pessoa. Sei que todo esse episódio vai ajudar ela a ver como mudar”.

A relação de Kufa e Wajngarten não é boa há tempos. Certa vez, depois de criticar a diferentes interlocutores a comunicação do governo, Kufa não poupou palavras para, numa reunião em que estava o próprio Bolsonaro, dar sua opinião sobre a política de comunicação do governo: “É horrível”. Wajngarten ouviu calado naquele dia, mas anotou.

Há quem defenda Kufa. Admar Gonzaga, a quem a advogada acusou de ter sido desleixado com o memorial de uma defesa de Bolsonaro no TSE e ter cometido erros no processo de criação do Aliança, evitou polemizar. Afirmou ser grato a Kufa por ela tê-lo defendido no caso, mostrado por ÉPOCA, em que ele é réu por supostamente agredir sua mulher, Éliada Souza Matos. “Não quero comentar sobre nada disso. Sou grato a ela por ter me defendido”, disse.

Entre os deputados, apesar dos que ficaram insatisfeitos com suas palavras à rede de TV CNN no dia dos atos antidemocráticos, é mais fácil encontrar quem queira defender Kufa do que criticá-la. Ao menos publicamente. “As pessoas ficam arranjando coisas contra ela. Ela não conspira, só fala bem das pessoas. Ela representa tudo que o presidente precisa ter em seu entorno. Uma conselheira capaz”, derreteu-se José Medeiros, deputado do Podemos de Mato Grosso.

Procurada por ÉPOCA, para comentar ou rebater cada um dos episódios que seriam contados, Kufa não quis responder.

Eduardo e Flávio Bolsonaro, respectivamente o filho que defende e o que acusa — Carlos é neutro nisso —, não quiseram entrar publicamente no tema. Nem o presidente e Wajngarten. Os quatro foram procurados, informados sobre o teor da reportagem, mas se esquivaram de criticar ou defender Kufa.

Entre estocadas mais duras, críticas sutis e afagos, houve um padrão nas respostas das 16 entrevistas feitas por ÉPOCA para reconstruir essa rede de intrigas em torno de Kufa. Ninguém quis ficar mal com a advogada. Até porque muitos deles suspeitam que ela possa nestes 20 meses de governo ter gravado muitas das conversas de que participou — o que Kufa nega para amigos. Mas vai saber: Brasília ensina rápido. _____

COM NAOMI MATSUI



GUILHERME AMADO
É JORNALISTA

A HORA DE DEFENDER AS INSTITUIÇÕES

O domingo 23, em que Bolsonaro preferiu ameaçar e injuriar um repórter a responder por que R\$ 89 mil foram depositados na conta da primeira-dama por Fabrício Queiroz, foi, para usar uma palavra cafona, mas na moda, emblemático. Nem tanto por sublinhar como é uma farsa a construção do Jairzinho Paz e Amor, e que o verdadeiro capitão tem e dificilmente vai parar de ter o ódio como método. Nas horas seguintes, ficou claro como mesmo as parcelas da sociedade que já perceberam que há um risco concreto para a democracia brasileira com Bolsonaro, ainda não entenderam que o foco para preservá-la não é necessariamente derrubar Bolsonaro, mas sim fortalecer as instituições. A reação nas redes sociais demonstrou isso. Naquele dia, conforme computou a consultoria Bites, de análise de comportamento em redes sociais, nove hashtags negativas ao presidente foram compartilhadas. Poucos artistas, Anitta entre eles, entenderam que era hora de repetir a pergunta sobre os cheques a Michelle, mas fundamentalmente era necessário defender a liberdade de imprensa e os jornalistas. Rodrigo Maia, Gilmar Mendes, João Doria, Alessandro Molon e algumas outras peças-chave da política defenderam o jornalismo. Mas houve muitas omissões.

A maioria dos deputados e senadores de esquerda reproduziu em suas mídias sociais o comportamento que dominou a rede: repetir a pergunta, mas nada de defender a liberdade de imprensa. Bom é lacrar e bater no presidente. Em vez de só ficar na guerra de torcida,

achando que a ascensão de Bolsonaro é o único fenômeno preocupante de nossa democracia, políticos, artistas e a sociedade em geral precisam urgentemente

entender que as instituições não se defendem sozinhas.

Este é um dos erros mais comuns que fazem as democracias morrerem. Em 2 de fevereiro de 1933, este foi o erro de um dos principais jornais judeus alemães, em seu editorial:

“Não concordamos com a opinião segundo a qual Herr Hitler (...) vai pôr em prática as propostas que circulam (*em jornais nazistas*); eles não privarão, de repente, os judeus alemães de seus direitos constitucionais, não os juntarão em guetos, nem os submeterão aos impulsos invejosos e homicidas da multidão (...).”

O exemplo do nazismo e do fascismo italiano soam distantes — e de fato são, felizmente — da realidade brasileira. Mas o fenômeno é o mesmo por aqui. Foi assim na Venezuela, hoje mergulhada na ditadura de Nicolás Maduro, em que se relativizaram Hugo Chávez. O mesmo na Bielorrússia do direitista Alexander Lukashenko.

E que Congresso, Supremo, artistas, sociedade civil não se enganem: a imprensa tem falhas, mas, se chegar a hora (e eu torço que não chegue) em que esses setores também sejam ameaçados para que se calem, é aos repórteres e ao jornalismo que eles terão de recorrer para ser ouvidos.

PABLO JACOB/AGÊNCIA O GLOBO



À esquerda, Bolsonaro, o valentão que grita, mas não responde sobre os cheques de Michelle. À direita, a escola Avenues, com mensalidade de R\$ 10 mil, decide abrir diálogo com pais e mestres



DIVULGAÇÃO

BOLSONARO E OS MILHÕES DA JBS PARA WASSEF

O relatório de inteligência financeira (RIF) produzido pelo Coaf sobre Frederick Wassef, aquele que era, mas não era, ou talvez fosse, vai saber, o advogado de Jair Bolsonaro, mostra que a maior parte dos quase R\$ 10 milhões que ele recebeu da JBS entre 2015 e 2020 foi antes de Jair Bolsonaro subir a rampa do Palácio do Planalto. Investigadores que têm se debruçado sobre o RIF, entretanto, não descartam que o dinheiro pago pelos irmãos Batista para Wassef possa ter alguma ligação com Bolsonaro. Diz um procurador versado em temas joesleyanos: “Joesley sempre apostou em políticos que tinham alguma perspectiva de poder pela frente. Não descarto a hipótese de que Wassef possa ter sido um vetor para o fluxo desse dinheiro”. Wassef garante que os pagamentos se referiram a serviços de advocacia prestados à empresa. A propósito: por que pouco antes do encontro de Wassef com o subprocurador José Adonis Callou de Sá para tentar tratar de assuntos de interesse da JBS Jair Bolsonaro telefonou diretamente a Callou de Sá e, sem dizer a que se referia, agradeceu a ele?

GUEDES, OS INNOVATORS E OS PRESERVERS

Paulo Guedes e os poucos do time original que ele levou para o Ministério da Economia costumam se referir aos servidores de Estado que estão na cúpula da pasta como os preservers. São aqueles que defendem a responsabilidade fiscal, mas rechaçam a ideia de Estado mínimo. Querem o Estado forte, com estatais e orçamentos gordos para investir. Os innovators seriam o próprio Guedes e seu time original: gente que saiu da Faria Lima ou de Nova York e, de maneira abnegada, topou um emprego público para “lutar por um novo Brasil”. Esses seriam os liberais-raiz, os verdadeiros interessados em modernizar o país. As duas tribos têm se estranhado: em conversas privadas, Guedes atribui também aos preservers a morosidade das privatizações e da agenda ultraliberal.

O FUTEBOL PRÉ-COVID DE FLÁVIO BOLSONARO

No último fim de semana, Flávio Bolsonaro, diagnosticado com Covid-19 na quarta-feira 26, esteve no Portobello Resort e Safári, em Mangaratiba, no Rio de Janeiro, confraternizando com os amigos. Só na partida de futebol de que participou, eram cerca de 30 homens, todos sem máscara. Também esteve no evento o ex-jogador Emerson Sheik.

PAES VERDE E ROSA

Eduardo Paes tem comentado com alguns poucos aliados que encontrou o nome para ser sua candidata a vice na disputa pela prefeitura do Rio de Janeiro: Nilcemar Nogueira, neta de Dona Zica e de Cartola e até hoje uma personagem respeitada no reino mangueirense. A ideia do portelense Eduardo Paes ao convidá-la é avançar sobre o eleitorado de Marcelo Crivella, nome que considera o mais forte para ir ao segundo turno com ele. A neta de Cartola foi secretária da Cultura de Crivella, tem origem na periferia e é evangélica.

A SOLUÇÃO DA ESCOLA DE R\$ 10 MIL NA COVID-19

A filial paulistana da nova-iorquina Avenues, escola bilíngue com mensalidade acima de R\$ 10 mil, se mexeu para atender aos pais que se queixavam da falta de disposição para discutir a redução da mensalidade, ante as perdas salariais com a Covid-19. Criou a Avenues Parent Association, uma associação de pais, e fez contrapropostas. “Oferecemos a possibilidade de uma licença temporária e retorno às aulas após seis meses”, informou a nota da escola. Nesse meio-tempo, que procurassem salas de aula mais baratas.

DE POSTO IPIRANGA A BONECO DO POSTO

A moda agora em Brasília é garantir que Paulo Guedes está firme e fica no cargo. Se há tanta certeza, porque a necessidade de reafirmar?

COM EDUARDO BARRETTO E NAOMI MATSUI

TIROS EM CUIABÁ

Patrícia com a filha
Isabele. Duas perdas
irreparáveis: em 2018,
o marido, Jony Ramos,
morreu em um acidente
de moto numa estrada
que liga a capital
do estado à Chapada
dos Guimarães

REPRODUÇÃO DE ULLUSSES CAMPBELL



SOBRE JOVENS E ARMAS

ÉPOCA revela novos detalhes da investigação sobre a morte de Isabele, atingida pelo disparo de uma pistola empunhada por sua amiga de 14 anos

por Ullisses Campbell, de Cuiabá

Duas adolescentes de 14 anos, uma arma de fogo carregada dentro de um condomínio de luxo e um corpo caído no banheiro com um tiro certeiro no rosto. O enredo do crime que chocou a população de Cuiabá ainda é um enigma para a Polícia Civil de Mato Grosso, e novas evidências têm embaralhado as linhas de investigação de um homicídio que é tratado como acidental. No domingo 12 de julho, a estudante Isabele Guimarães Ramos, de 14 anos, acordou às 13 horas. Em vez de almoçar, preferiu tomar café da manhã, o que suscitou uma pequena discussão com a mãe, a empresária Patrícia Hellen Guimarães Ramos, de 44 anos. Na sequência, a adolescente recebeu uma mensagem da melhor amiga, Júlia*, de 14 anos. Ambas eram vizinhas no residencial Alpha-ville I, em Cuiabá, o mesmo endereço do governador de Mato Grosso, Mauro Mendes Ferreira (DEM). Na mensagem, Júlia chamava a amiga para ir até sua casa fazer uma torta de limão para servir à família como sobremesa no jantar. O doce era a especialidade de Isabele.

Por volta das 16 horas, a casa estava cheia. Além das duas amigas, estavam presentes os pais e os três irmãos de Júlia. Ela é trigêmea de um rapaz e uma menina e ainda tem uma irmã mais velha, de 17 anos. Por volta das 16 horas, chegaram João*, de 16 anos, namorado de Júlia, e mais um amigo da família. Encontros entre adolescentes no local, uma confortável residência com quatro suítes e piscina, eram comuns e estimulados pelos pais. Quando não estava reunida em casa aos fins de semana, a família passava

o tempo no clube de tiro Força e Honra, não muito distante dali. Assim que o presidente Jair Bolsonaro assinou os decretos que facilitavam a compra de armas por colecionadores, atiradores esportivos e caçadores (os chamados CACs), rebaixando a idade mínima para uso de armas de 18 para 14 anos, o pai de Júlia, um empresário local, importou uma pistola para cada um dos filhos, para a esposa e mais duas para ele próprio.

A família treinava tiros toda semana e postava vídeos nas redes sociais mostrando suas habilidades bélicas. Com pouco tempo de treino, Júlia chegou a participar de campeonatos locais, ficando em primeiro lugar. Rápida no gatilho e boa de mira, era a melhor atiradora entre os irmãos. Foi num desses treinos que ela conheceu o namorado, João, campeão nacional de tiro na categoria Júnior. Habilidoso com armas, o jovem de 16 anos treinava desde os 13, munido de uma autorização judicial que lhe permitia atirar mesmo antes do decreto de Bolsonaro. João estava escalado para representar o Brasil no mundial organizado pela Confederação Internacional de Tiro Prático, que ocorrerá em novembro na Tailândia, mas sua licença foi cassada após a morte de Isabele. Na preparação para competições, treinava duas vezes por semana e em cada exercício disparava pelo menos 300 tiros em alvos fixos e móveis, somando até 2.400 disparos no mês.

Quando chegou à casa da namorada naquele domingo fatídico, João rapidamente se tornou a atração. Ele levou consigo a pistola de fabricação italiana Tanfoglio, calibre 38, de cor preta, com a qual vencera suas últimas competições. A munição dessa arma havia ficado em sua casa. Pouco antes de ser servido o jantar, a arma passou de mão em mão para que todos a experimentassem. Cada membro da família praticou o que os colecionadores chamam de tiro a seco, ou seja, empunharam a arma na sala, miraram a esmo e acionaram o gatilho sem que ela disparasse, já que não estava municada. Segundo o depoimento do atirador, ao abrir a maleta de plástico (chamada de case) onde guardava a pistola, ele se surpreendeu ao ver que estava ali também uma Imbel prata, calibre 38, carregada com 18 balas, que pertencia a seu pai, médico veterinário e também atirador. Ele tirou as munições dessa arma e também

R



A arma passou de mão em mão para que todos a experimentassem. Cada membro da família praticou o que os colecionadores chamam de tiro a seco, ou seja, empunharam a arma na sala, miraram a esmo e acionaram o gatilho

a mostrou aos presentes. Pela lei, João não poderia ter portado as duas armas, já que CACs só têm permissão para o transporte entre o local de armazenamento e o clube de tiro. Por ser menor de idade, também não pode ter armas em seu nome e, mesmo se estivesse a caminho do clube, precisaria estar acompanhado do responsável que tivesse a posse legal dos objetos.

João enviou uma mensagem ao pai relatando que sua arma também estava com ele. O pai pediu que, quando ele voltasse para casa, deixasse o case na residência de Júlia para não correr o risco de ser surpreendido por uma blitz transportando as pistolas ilegalmente. João contou em depoimento que, depois de receber a ligação do pai, pôs as duas pistolas na maleta e, para não arranharem, colocou uma luva de lã entre elas. Depositou de volta a munição na arma do pai e acionou um mecanismo conhecido como “cão”, para travá-la. Em seguida, às 21h59, as câmeras de segurança registraram sua saída da casa de Júlia, quando foi apanhado pelo irmão, Frederico, de 19 anos. Antes de sair, ironizou a situação afirmando que deixaria as armas porque o irmão tinha “ímã para blitz”.

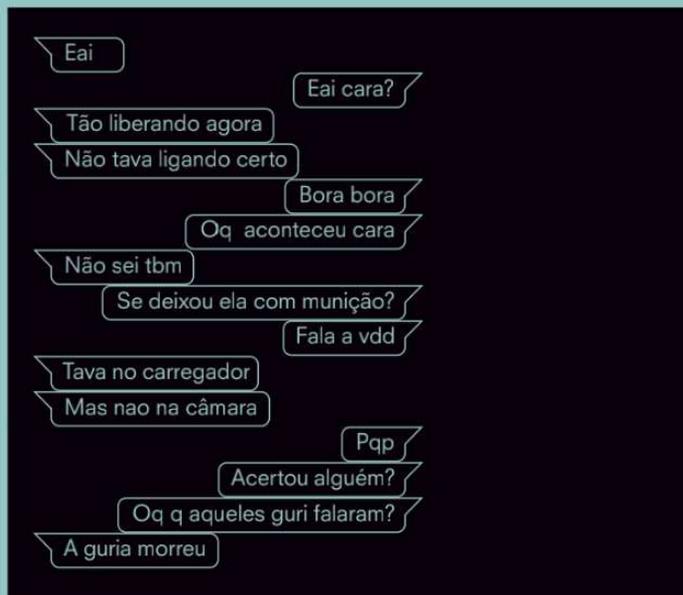
Pouco antes de João sair, Isabele havia discretamente subido para fumar seu cigarro eletrônico no banheiro do quarto da amiga. Ela não fazia isso na presença de adultos. Minutos depois de João ir embora, o pai de Júlia pediu à filha que levasse a maleta com as armas para o closet da suíte principal da casa. A menina pegou a maleta preta e subiu os dois lances da escada, de 20 degraus cada. Ao chegar ao segundo piso da casa, Júlia deveria virar-se à esquerda rumo ao armário indicado pelo pai, onde as armas da família ficam guardadas. No entanto, ela foi à direita e entrou em seu quarto procurando por Isabele. A adolescente bateu à porta do banheiro com a maleta na

mão. Ao abri-la, Isabele levou um tiro no rosto a uma altura de 1,44 metro do solo e a uma distância de 30 centímetros, segundo aponta o laudo pericial. A garota caiu no chão do banheiro com o corpo no piso próximo a um armário e com a cabeça na parte interna do box para banho. Perto de seus pés ficaram caídos sua bolsa preta e o cigarro eletrônico. A bala entrou em linha reta pela narina esquerda, atravessou o osso maxilar e seguiu pelo interior do crânio da garota, rompendo as estruturas do tronco encefálico e saindo pela nuca.

Cinquenta dias após o crime, o que ocorreu no banheiro naquela noite ainda não foi elucidado pelos investigadores. A adolescente sustentou, em depoimento, que foi ao encontro da amiga com

Em seu quarto, Júlia pratica o tiro a seco (ao lado), quando se dispara a arma sem munição apenas para treinar a rapidez no gatilho

Mensagens enviadas por João a seu irmão logo após o crime (abaixo). Ele confessou que havia deixado a arma carregada na casa da namorada



Abriu-se uma outra hipótese de investigação, que até agora foi negada pela adolescente e por seus familiares: a de que Júlia, sem saber que a arma estava carregada, teria atirado “a seco” na amiga, numa prática frequente entre atiradores — e entre a própria jovem e seus familiares

a maleta na mão para saber o que ela estava fazendo lá. Ao bater na porta do banheiro onde estava Isabele, Júlia teria se desequilibrado e deixado o case cair. Ao recolher as armas no chão e se levantar, a Imbel do pai de João teria disparado acidentalmente. Júlia não soube dizer, no depoimento, se apertara ou não o gatilho. Ocorre que o laudo da perícia e um segundo depoimento de João, em 21 de agosto, trouxeram novas evidências à cena do crime. Uma nova informação também passou a ser levada em conta depois do depoimento do irmão de Júlia, em que ele atestava que a arma foi manuseada e transportada no intervalo entre o homicídio e a chegada da ambulância, o que pode ter resultado em adulteração de provas e, por consequência, impactado o relatório da perícia.

No laudo de balística assinado pelos peritos Reinaldo Hiroshi dos Santos e Pierre Biancardini Júnior, há uma pergunta feita pelo delegado que investiga o caso: “A arma de fogo questionada pode produzir tiro acidental?”. Os peritos responderam “não”. E argumentaram: “Nas circunstâncias alegadas pelo depoimento prestado, a arma somente se mostrou capaz de realizar o disparo e produzir tiro estando carregada (cartucho de munição inserido na câmara de carregamento do cano), engatilhada e destravada mediante o acionamento do gatilho”. Um segundo laudo atesta que Isabele estava com os olhos abertos antes de morrer, em razão do movimento de suas retinas e dos estilhaços de pólvora em seu rosto. As duas constatações colocam contradições na cena apresentada por Júlia. O laudo de balística contesta a tese de que a arma teria sido disparada acidentalmente. E os olhos abertos também indicariam que a vítima teria olhado para a arma antes de ser atingida. Esse dado corrobora o laudo pericial, que sustenta que, pela altura do disparo, a arma foi apon-

tada para o rosto da vítima. Por fim, o depoimento do irmão de Júlia confirma que houve adulteração da cena do crime. Ele foi o primeiro a subir até o banheiro, onde viu o corpo de Isabele caído ainda sem verter sangue. “Eu vi o case com as armas na bancada da cama do quarto das minhas irmãs (...) Aí eu gritei que era para ela guardar o case no armário do papai e ela guardou”, disse o garoto de 14 anos, em depoimento. Ele admitiu também ter guardado a cápsula do tiro que acertou Isabele, antes de entregá-la ao pai.

No segundo depoimento de João, uma nova informação também chamou a atenção dos investigadores. Ele disse que a namorada não havia visto que ele recarregara a arma de seu pai e a travara, antes de colocá-la de volta no case. Segundo João, apesar de Júlia estar no mesmo ambiente que ele, ela estava a sua frente, de costas, sem olhar o que ele fazia, além de aparentar estar distraída. Diante dessa constatação, na última vez em que Júlia tivera a arma em seu campo de visão, ela estava descarregada. Depois de João recarregá-la, para que a pistola disparasse, seria preciso movimentar um ferrolho, abrindo espaço para a munição seguir até a câmara. Só depois dessa ação, a arma estaria apta a disparar. Em vídeos capturados pela polícia do celular de Júlia, é possível atestar que a adolescente sabia destravar armas com destreza. Esse conjunto de informações abriu uma outra hipótese de investigação, que até agora foi negada pela adolescente e por seus familiares: a de que Júlia, sem saber que a arma estava carregada, atirou “a seco” na amiga, numa prática frequente entre atiradores — e reproduzida pela própria jovem e seus familiares mais cedo, antes do jantar.

ÉPOCA esteve na casa onde a menina foi morta e observou a cena do crime. A pessoas próximas, o pai de Júlia diz que a filha não executou a amiga, que provará que o disparo foi acidental e assume sua parcela de

Patricia disse que houve dolo no assassinato da filha. “Quero saber por que isso aconteceu”, questionou



REPRODUÇÃO DE ULLISSE CAMPBELL

culpa na tragédia: “Eu fui negligente ao deixar minha filha levar a arma para o armário do meu quarto”, tem dito o empresário.

Uma perícia feita nos celulares e nas redes sociais das adolescentes não encontrou sinal de que as duas amigas haviam se desentendido. Pelo contrário, só havia trocas de palavras carinhosas entre as duas. Na última visita que fez à casa de Júlia, Isabele escreveu com um pincel atômico na parede do quarto que a amava. As duas também disputavam quem crescia mais rapidamente, pois marcavam na parede suas medidas. A mãe de Isabele, Patrícia, não consegue conceber a tragédia e culpa os vizinhos por tirarem a vida de sua filha. “Minha filha foi assassinada e quero saber por que isso aconteceu”, acusou. A polícia espera o laudo da reconstituição do crime, ocorrida na semana passada, para dar um desfecho ao inquérito. “Esperamos que ela seja indiciada por homicídio doloso”, disse o advogado da família de Isabele, Hélio Nishiyama, referindo-se ao homicídio em que há intenção de matar.

Essa é a segunda tragédia que se abate sobre a família de Patrícia em dois anos. No dia 23 de junho de 2018, seu marido, o médico Jony Soares Ramos, de 49 anos, saiu de casa numa moto BMW 1.200 para praticar aeromodelismo, mas se envolveu em um acidente na estrada que liga Cuiabá à Chapada dos Guimarães. O médico morreu na hora. Evangélica, Patrícia acredita estar passando por provações divinas. “Acho que Deus está me passando mensagens com essas tragédias. Mas não estou resistindo a tanto sofrimento”, disse a empresária. A família de Patrícia hoje se resume a ela e o filho de 12 anos. O garoto criou vários perfis em redes sociais pedindo para a morte da irmã não passar em branco, reproduzindo a hashtag #justiçaporbele.

Até a semana passada, o inquérito que apura a morte de Isabele já tinha 812 páginas, havia ouvido 30 pessoas e passado pelas mãos de três delegados. O que lidera hoje as investigações, Wagner Bassi, não quis dar entrevistas. A expectativa da família de Júlia é que a adolescente responda por homicídio culposo, quando não há intenção de matar e cuja pena é o cumprimento de medidas socioeducativas por três anos, até ela completar a maioridade. Júlia se recusou a participar da reconstituição por, segundo ela, estar abalada emocionalmente. Pouco antes de ser convocada para reproduzir o crime, a adolescente voltou a participar das aulas on-line de seu colégio, mas teve de sair da sala virtual depois de ouvir acusações de que era assassina. Como também começou a ser hostilizada por vizinhos, a família se mudou provisoriamente para a casa de um parente, deixando para trás a bela casa com um Lamborghini na garagem.

Em conversa com ÉPOCA, o pai de Júlia foi questionado pela reportagem se ele achava que a filha poderia ter apertado o gatilho achando se tratar de uma arma descarregada. Sua resposta: “De todos os meus filhos, ela é a mais próxima. Não existe segredo entre nós. Eu já a pus contra a parede e perguntei olhando em seus olhos se ela havia atirado na amiga. Ela respondeu ‘não’ e eu acredito. Vou com essa verdade até o fim”...

* Os nomes dos adolescentes são fictícios e os nomes de seus familiares foram ocultados para preservar a identidade dos menores envolvidos

Maurício Moura, da consultoria Ideia Big Data, explica por que a rachadinha afeta pouco a imagem de Bolsonaro: o eleitor de alta renda vê o escândalo como algo menor que o petrolão e o de baixa renda enxerga o presidente como um “corrupto que ajuda”

por Alice Cravo e Thiago Prado

7 PERGUNTAS PARA

MOURA



4. Os ex-ministros Luiz Henrique Mandetta e Sergio Moro, altamente populares, deixaram o governo e mesmo assim Bolsonaro segue bem avaliado. Se Paulo Guedes deixar a Economia devido às divergências sobre os gastos públicos, haverá impacto na popularidade do presidente?

As duas saídas impactaram, sim, a aprovação de Bolsonaro, mas foram compensadas com o crescimento em outros setores. A saída do Moro impactou mais que a do Mandetta porque entrou na veia de um dos pilares de narrativa do governo, a questão da Lava Jato e da agenda anticorrupção. Sobre o Guedes: acho que, a depender de quem entre no lugar, tem baixo impacto, porque esse grupo de classe média-alta, que apoia as políticas liberais, ficaria facilmente acomodado com o presidente do Banco Central no Ministério da Economia, por exemplo. Talvez impacte mais no mercado financeiro do que na popularidade.

5. Moro e Mandetta podem ser fortes candidatos em 2022?

O Moro e o Mandetta conseguiram uma coisa muito importante de uma eleição presidencial, que é ser conhecido no Brasil inteiro. A questão é que esse campo já está muito tumultuado. Há o João Doria, que também se fez conhecido no país durante a pandemia. Importante para todos que forem disputar 2022 é que a narrativa principal será a economia. Isso será muito mais forte do que a agenda anticorrupção de 2018. O país vai precisar se recuperar economicamente, as empresas vão estar fechadas e as pessoas desempregadas.

6. Nesse cenário, qual deve ser o discurso de oposição a Bolsonaro?

Um dado importante para a oposição: já testei essa coisa de fascismo de todas as formas possíveis, e o efeito é nenhum quando a ligação é feita com Bolsonaro. Existe um desconhecimento enorme da população sobre o que é isso, e, mesmo quem sabe, acha que esta é uma forma muito radical de se referir ao presidente. Trata-se de um efeito retórico para uma bolha muito específica. Mesmo a presença dos militares no governo é tratada como algo indiferente para a maioria da população. O maior desafio será unificar os grupos que não gostam do Bolsonaro. Um dia é o Felipe Neto que repercute nas redes, outro dia é o Rodrigo Maia. São segmentos muito diferentes. De alguma maneira, algum líder vai ter de unificar todos prometendo estabilidade e um plano econômico que seja diferente do Bolsonaro. Se for mais ou menos igual, a população vai reeleger o presidente. Há outro aspecto: Bolsonaro está conseguindo se beneficiar ficando mais calado e criando menos problemas.

7. As eleições municipais deste ano dirão alguma coisa sobre 2022?

Não acredito. Eleições municipais são sempre focadas em temas locais. Essa, especificamente, será sobre Covid-19. O que foi ou não foi feito, como será o futuro diante da pandemia. Em 2016, por exemplo, o MDB foi o grande vencedor das disputas municipais e teve péssimo desempenho com a candidatura de Henrique Meirelles dois anos depois. Acho também que a transferência de voto do Bolsonaro nas eleições municipais será marginal. E vivemos uma situação única, que é termos um presidente sem partido. Para ele, essa é uma situação cômoda. Se quiser se associar com algum bolsonarista vencedor depois, ele vai se associar, mas nunca perder.

ALLAN SIEBER



O médico e a advogada discutem os aspectos clínicos e jurídicos que envolvem a prática da ortotanásia, regulamentada no país, em relação à eutanásia, proibida

por Ana Letícia Leão

MARTINS x DADALTO



MONTEAGEM SOBRE FOTOS: CRM-PR/D. VULGAÇÃO

GERSON ZAFALON MARTINS, 75, paulista
O que faz e o que fez: médico especialista em pneumologia. É vice-presidente da Sociedade Brasileira de Bioética. Foi professor na Faculdade Evangélica de Curitiba, membro do Conselho Federal de Medicina e editor da *Revista Bioética*

LUCIANA DADALTO, 36, capixaba
O que faz e o que fez: advogada e pesquisadora sobre autonomia do fim da vida há 12 anos. Tem mestrado na PUC Minas e doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais. É autora do livro *Testamento vital* e coordenadora de outro recém-publicado, *Bioética e Covid-19*

O debate sobre ortotanásia deverá ser colocado em pauta no Supremo Tribunal Federal pelo ministro Luiz Fux em setembro, quando ele tomar posse como presidente. Isso vai ampliar a discussão sobre o assunto?

GERSON ZAFALON MARTINS Na ortotanásia, é permitido ao médico limitar ou suspender procedimentos e tratamentos que prolonguem a vida do doente, em fase terminal, de doença grave e incurável, respeitando sua vontade. Ele continua recebendo os cuidados necessários para aliviar os sintomas que levam ao sofrimento. Essa prática já foi tão bem discutida que é muito claro nesse sentido que não é crime. Eu não vejo mais problema. Na resolução, a decisão é muito sensata. Nós não sugerimos absolutamente nada que contrarie a lei penal brasileira e muito menos a dignidade e a autonomia do paciente. Existe projeto de lei que fala sobre o tema, mas eu não sei se terá alguma alteração. Nessa situação da ortotanásia, tem de pesar o bom senso, tanto do médico quanto do paciente. Se é uma doença terminal, obviamente não vai haver cura.

LUCIANA DADALTO O Fux pode falar como presidente do STF, mas nós não teremos uma decisão judicial. Para o Supremo decidir algo, é necessário algum processo, que eu desconheço neste momento. Quando a gente tem um ator importante do poder público ou da sociedade, isso é extremamente sério, porque faz com que os leigos falem mais sobre o assunto. O Fux ou quem quer que queira falar mais sobre esse tema é importante sem dúvida nenhuma. O que a gente não sabe é como o tema será tratado, porque juridicamente a ortotanásia não é uma polêmica, mas ela traz junto com ela todas as outras “ásias”. Nós não temos maturidade social e nem condições políticas de aprofundar muito essa discussão no Brasil hoje. Estamos vivendo um momento extremamente polarizado, uma imposição de crenças religiosas muito fortes, e temos esquecido que o Brasil é um Estado laico.

A ortotanásia é vista com bons olhos no Brasil?

GZM É vista com bons olhos. Quando não é, está sendo confundida com eutanásia. No meio médico, já se pratica a ortotanásia. Não tem notícias todos os dias, mas nos hospitais, principalmente nos cuidados paliativos, não há mais dúvidas.

LD A sociedade brasileira confunde cuidado, confunde vida, com utilização de tecnologia de prolongamento artificial da vida. A gente acha que cuidar de nosso parente que está morrendo é levá-lo para a UTI, colocar sonda, usar respirador artificial, mas não é. Cuidado é dar controle de sintomas, evitar que sinta dor, possibilitar cuidados paliativos. A gente tem dificuldade de reconhecer os limites da medicina.

Colocar o tema em pauta é um primeiro passo para o Brasil começar a discutir a descriminalização da eutanásia?

GZM Quando a ortotanásia ficar bem tranquila e estiver bem assimilada tanto no meio médico quanto na sociedade, será mais fácil falar da eutanásia e dar um pulo no pensamento.

LD Não. Acredito que a discussão da eutanásia pode vir a partir da ortotanásia, mas a descriminalização parte de outro lugar muito diferente.

Por que, apesar de praticada, a ortotanásia ainda é contestada na Justiça?

GZM Em tribunais, ela não é mais contestada porque já existe uma resolução do Conselho Federal de Medicina que autoriza a prática. É contestada ou traz certa preocupação por médicos e familiares porque é muito comum as pessoas dizerem “enquanto há vida, há esperança”. E não é bem assim, não é? Às vezes você pode explicar para a família, e ela pode não autorizar, aí entram as diretrizes antecipadas da vontade. A pessoa, enquanto tiver condições físicas e mentais, pode decidir o que quer, ou não, quando tiver diante de uma doença em fase terminal. Se eu tenho uma doença em fase terminal e não quero ir para a UTI, por que tenho de ir? A UTI é lugar de internação para pessoas que têm chance de recuperação. Se parar o coração, a pessoa pode escolher não ser reanimada. Se o paciente fala “eu não quero isso, eu não quero aquilo, só não quero ter dor”, então damos um remédio para tirar a dor. Inclusive, para aquela agonia da morte que às vezes a pessoa tem, isso traz um alívio muito grande na fase terminal. O médico é desde sempre treinado para vencer a morte. E ele perde todas. Nós não vamos vencer a morte nunca. Quando chega uma situação dessa, parece que o médico perdeu uma guerra ou uma batalha. Ele faz de tudo para a pessoa não morrer, mas ela morre. Não morre com ele, mas morre na UTI.

LD O que temos é uma falta de compreensão do processo de morrer, o que dificulta que as pessoas entendam o que é natural no fim da vida e o que é artificial. Por isso acho que os rótulos eutanásia e ortotanásia algumas horas mais atrapalham do que ajudam. O que a gente percebe na prática é que o paciente e a família, quando questionados sobre ortotanásia, não topam, não aceitam. O que acontece no Brasil é que, primeiro, a gente tem muito conflito de interesse no fim da vida. Mundialmente, a dignidade ao morrer pressupõe autonomia, possibilidade de escolha. Se para mim a ortotanásia pode ser uma morte digna, para outra pessoa a morte digna é a eutanásia. O que me incomoda é um discurso no Brasil, que tem muito a ver com a questão moral e religiosa, de que a ortotanásia é sinônimo de morte digna. A meu ver, morte digna não tem sinônimo, quem escolhe é o paciente. A pessoa é que diz o que é digno para ela. Quando assumimos que a ortotanásia é a única forma digna de morrer, acabamos cerceando a liberdade da autonomia das pessoas. Dar autonomia tem de envolver vários caminhos. E, na ortotanásia, eu digo para a pessoa: “Essa é a única estrada”. O que também ainda é um problema no Brasil é que a ortotanásia está relacionada aos cuidados paliativos, uma abordagem que dá conforto no fim da vida, ou seja, temos outro problema. Cuidado paliativo no Brasil não é universalizado. Não temos em todas as cidades, em todos os hospitais, sejam públicos ou privados. Então, quando dizemos que a ortotanásia é a morte certa para uma pessoa, do outro lado estamos dizendo que quem não tem cuidados paliativos está morrendo mal. E isso é verdadeiro, está morrendo mal. Mas aí acabamos criando, entre aspas, uma rixa social entre as pessoas que tiveram condições e pessoas que não tiveram. Invertemos toda a luta que deveria ser para que todos tivessem cuidados paliativos, e a ortotanásia acaba sendo uma questão de sorte. E é um direito de qualquer cidadão brasileiro ter acesso a cuidados paliativos. A ortotanásia é o começo da conversa sobre dignidade ao morrer, e não o final.



H.G.

hgurovitz@edglobo.com.br
@gurovitz

HELIO GUROVITZ É JORNALISTA,
EDITOR DE OPINIÃO DO JORNAL O GLOBO

AQUELES QUE DIVIDIAM A MESMA MESA E HOJE SE ESTAPEIAM

Em 1898, o jornal francês *Le Figaro* publicou um cartum exibindo dois momentos de um jantar em família. No primeiro, os convivas conversam alegremente ao redor da mesa, até que alguém solta a frase: “Sobretudo, não falemos no Caso Dreyfus”. No segundo, estão todos aos tapas, berram, se arrastam no chão, a mesa desarrumada, os pratos quebrados e, logo abaixo, a legenda: “Falaram naquilo...”. O julgamento do capitão Alfred Dreyfus, condenado injustamente por traição à pátria em virtude do antisemitismo — e só reabilitado anos depois —, dividiu ao meio a sociedade francesa, destruiu amizades e afastou parentes próximos, num padrão perturbadoramente familiar nos dias de hoje. Abriu uma ferida profunda que atravessou duas guerras mundiais, cujas cicatrizes ainda doem mais de 120 anos depois. “O espírito dos intelectuais que difamaram Dreyfus e se uniram ao (*governo colaboracionista de*) Vichy ainda vive no nacionalismo de Marine Le Pen”, afirma a jornalista e historiadora Anne Applebaum em *Twilight of democracy* (*Crepúsculo da democracia*).

Nascida em Washington, formada em Londres e casada com um político polonês, Applebaum foi pioneira na cobertura da decadência do comunismo no Leste Europeu e publicou obras devastadoras sobre a tirania de Josef Stálin na União Soviética. Seu novo livro é uma tentativa de entender um mundo que reproduz a polarização dos tempos de Dreyfus, onde a democracia e o debate civilizado estão ameaçados. Ela começa a narrativa com a festa que deu em sua casa, no interior da Polónia, no Réveillon de 1999 para 2000. Daquele grupo, hoje metade não dirige a palavra à outra metade, tão profundo o ódio. “Quando a União Soviética desmoronou, os elos que uniam todos os anticomunistas também se romperam”, escreve.

O afastamento de liberais e conservadores, cosmopolitas e nacionalistas, religiosos e laicos — antes abrigados sob uma tenda comum — se repete no mundo todo. Nos Estados Unidos de Trump, no Reino Unido do Brexit, na Hungria de Orbán, na Venezuela de Chávez, na Espanha do Vox e também no Brasil de Bolsonaro. “Só a economia não explica por que países em ciclos de negócios diferentes, com histórias políticas distintas e estruturas de classe diversas, desenvolveram simultaneamente uma forma similar de política raivosa”, diz Applebaum. “Não que a imi-

gração ou a dor econômica sejam irrelevantes. São fonte de raiva, aflição, desconforto e divisão. Mas são insuficientes. Algo diferente está acontecendo.”

É o que ela chama de “crepúsculo da democracia”.

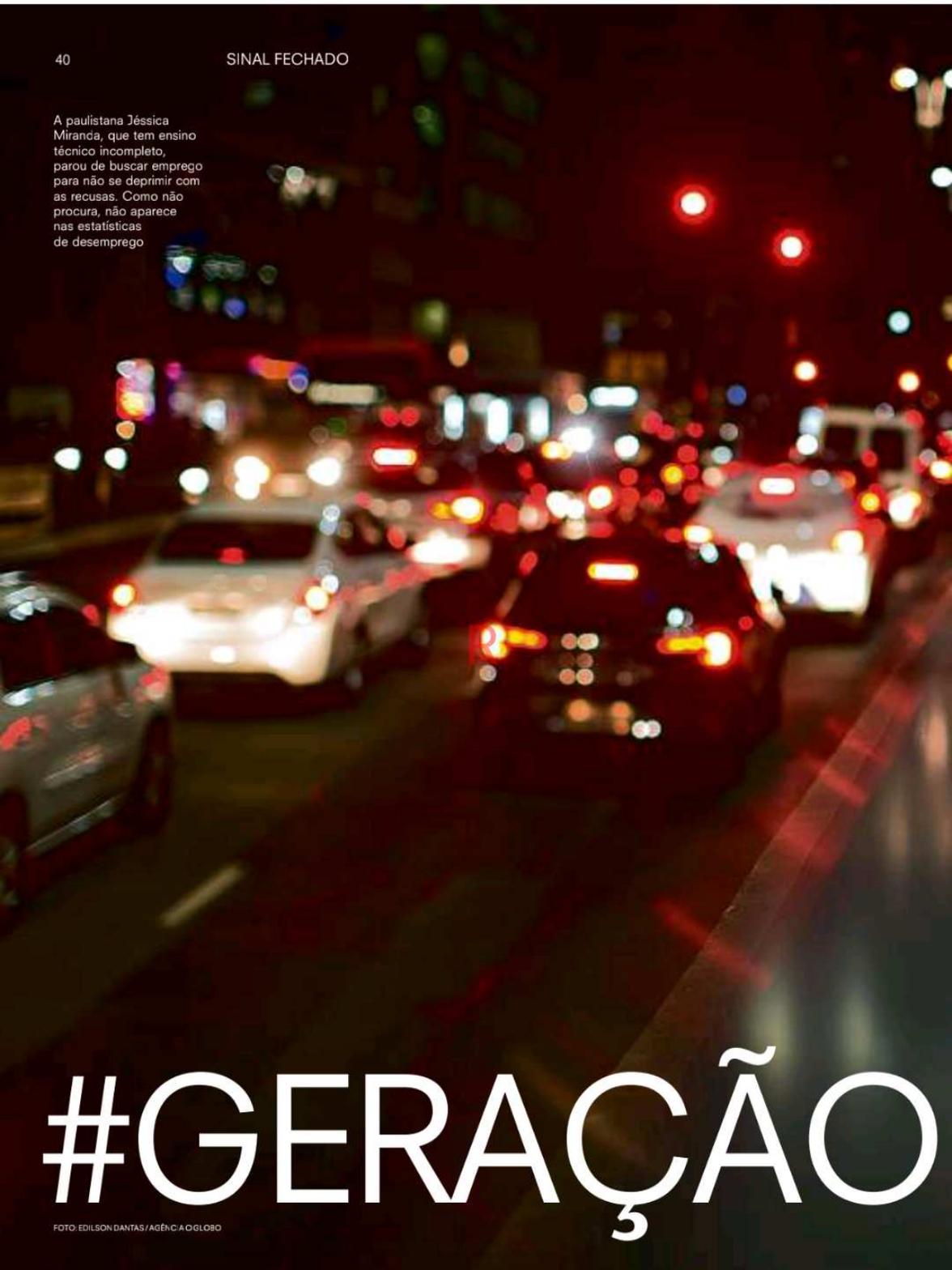
“É possível que nossa civilização já esteja se encaminhando para anarquia ou tirania, que uma nova geração de intelectuais, defensores de ideias antiliberais ou autoritárias, conquiste o poder no século XXI, como fez no XX.”

RO autoritarismo, diz Applebaum, atrai quem não tolera a complexidade. “Nada há de intrinsecamente ‘de esquerda’ ou ‘de direita’ nesse instinto. Ele é antipluralista, desconfia de gente com ideias diferentes.” Apesar de a maioria dos candidatos a autocrata vir hoje do campo da direita, o modelo de Estado autoritário e partido poderoso — presente da China à Hungria, do Zimbábue à Venezuela — foi criado por Lênin, na Rússia. “Embora deteste ouvir isto, a nova direita é mais bolchevique que burkeana (*tributária do pensador irlandês conservador Edmund Burke*). São homens e mulheres que querem derrubar, driblar ou minar as instituições, querem destruir o que existe.”

Para o otimismo que elegeu Ronald Reagan degenerar no ressentimento que consagrou Donald Trump, foi preciso haver mudança não só nos eleitores, mas antes disso entre os intelectuais, entre aqueles que dividiam a mesma mesa e hoje se estapeiam. Oportunistas abandonam a busca da verdade e da justiça pela sedução do poder, pela facilidade das novas tecnologias. “Os velhos jornais e redes de rádio e TV criavam a possibilidade de um debate nacional único. Em muitas democracias não há mais debate comum, muito menos narrativa comum”, diz Applebaum. “As pessoas sempre tiveram opiniões diferentes. Agora têm fatos diferentes.” A incerteza sobre o futuro é angustiante. _____

TWILIGHT OF DEMOCRACY
Anne Applebaum, Doubleday
2020 | 224 páginas | US\$ 25

A paulistana Jéssica Miranda, que tem ensino técnico incompleto, parou de buscar emprego para não se deprimir com as recusas. Como não procura, não aparece nas estatísticas de desemprego



#GERAÇÃO



R

O drama dos brasileiros com menos de 30 anos que ao se tornarem adultos só viram crise pela frente — e por que o azar deles é também o de todos nós

por Suzana Correa

RECESSÃO

Eles estão por toda parte. Você provavelmente conhece um ou mais deles. Talvez sejam seus filhos, sobrinhos, primos, vizinhos, amigos ou simplesmente conhecidos. Pode ser, inclusive, você. Ao todo são 40 milhões de jovens brasileiros que tiveram o azar de tentar começar sua vida profissional nos últimos anos. Todos fazem parte de uma geração que tem enfrentado dificuldades como nenhuma outra. Em 2015 e 2016, a economia viveu a pior recessão de que se tinha notícia até então, com retrações anuais superiores a 3%. Depois vieram três anos de crescimento econômico pífio, pouco acima de 1%, o que manteve o desemprego num nível elevadíssimo, em dois dígitos. Se já estava difícil arrumar emprego para quem tinha experiência, o que dizer de quem nunca tinha pisado numa empresa?

Quando a situação parecia poder melhorar, vieram as confusões em série insufladas pela administração Bolsonaro e, depois, a grande crise econômica provocada pelo novo coronavírus. As projeções para o desempenho da economia neste ano já foram piores, mas a maioria dos analistas ainda prevê uma longa marcha a ré da ordem de 5%. Nestes últimos cinco anos, o que não faltou foram ideias supostamente voltadas para a retomada do crescimento, como o Plano Pró-Brasil, do governo de Jair Bolsonaro. Apesar de tantas promessas e tanta pompa, o país deverá fechar em 2020 uma “década perdida” do ponto de vista econômico, tirando o título dos famigerados anos 1980.

Durante oito semanas, ÉPOCA conversou com jovens adultos de diferentes partes do país, economistas, psicólogos e antropólogos para fazer um retrato da “Geração Recessão”. Milhões desses jovens estão desempregados e outros tantos foram forçados a mudar de carreira. Mesmo quem conseguiu iniciar a vida profissional na área desejada, de alguma forma, foi afetado pelo clima geral do país. Em comum, eles viram seus sonhos ser frustrados — pelo menos, até agora.

Fernanda Minato, de 25 anos, lembra da adolescência no sul de Santa Catarina, quando os anos de crescimento econômico da década passada e do começo da atual se faziam refletir no poder de compra da família. Como os pais estavam empregados e ganhando



FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

bem, ela foi estudar em escola particular e, em 2014, conseguiu ser a primeira entre os Minatos a entrar numa faculdade.

Aprovada no vestibular para relações internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mudou-se, cheia de sonhos, para Florianópolis. Mas Minato não ficou imune ao que se passava no país. Contra sua expectativa, logo foi obrigada a trabalhar para complementar a renda e ter a possibilidade de acabar o curso, o que deverá acontecer neste ano. Procurou, sem sucesso, oportunidades em sua área, conseguiu trabalho numa empresa de marketing e hoje pensa em fazer outro curso. “Sinto que decepcionei minha família e gostaria de sair do Brasil, mas não sei bem para onde”, disse.

Antes da pandemia, a insatisfação com o Brasil tinha provocado um aumento no número de brasileiros que deixam definitivamente o país — contando jovens e aqueles não tão jovens assim. Pelos dados da Receita Federal, houve uma elevação de 125% em 2019 na comparação com 2013. “O pontapé foi quando fui roubada com uma arma voltando para casa do trabalho. Não aguentava mais”, contou Daniele Pistore, de 25 anos. Surda, a paulistana nunca se sentiu segura numa sociedade que, acredita, falha em garantir direitos básicos de

A catarinense Fernanda Minato (acima) foi a primeira da família a entrar numa faculdade, mas hoje sente que decepcionou seus pais por não ter conseguido emprego em sua área

Uma pesquisa mostra que 40% dos jovens têm pensado no que vai acontecer ao fim da pandemia. O temor subjacente é que o que já está ruim possa piorar



quem tem alguma deficiência. Foi trabalhar com faxina na Irlanda em 2018 e disse que não voltará mais. “No Brasil você não vive, sobrevive. Aqui em Dublin trabalhei quatro meses e já consegui dinheiro para trocar meu aparelho auditivo, que é caro. No Brasil você se esforça muito e não vê resultado”, completou.

Entre aqueles que estão no Brasil, os jovens adultos com menos anos de estudo são os em pior situação. Com 29 anos, a paulistana Jéssica Miranda descreve os últimos dez de sua vida como “uma desventura de desgraças financeiras sem fim”. Filha de funcionária pública e metalúrgico, ela tem ensino técnico em eletrônica incompleto. Ao abandonar o curso, não conseguiu emprego e acabou trabalhando como motorista de aplicativo de transporte. “Entrei em depressão, devido à sequência de frustrações com entrevistas de emprego.” No ano passado, Miranda foi aprovada como trabalhadora informal em um lava-rápido. Não durou. Mais recentemente, decidiu voltar a ser motorista. Como já nem procura mais trabalho, está fora da estatística do desemprego. “Prefiro me virar sozinha do que ficar ouvindo vários ‘nãos’ e voltar a ficar deprimida. Já esqueci do sonho da casa própria e do carro na garagem”, disse.

Até o estouro do coronavírus, os jovens já amargavam índices de desemprego quase duas vezes maiores do que a média nacional, o que não chega a ser algo incomum quando se olha o que acontece em outros países. No final de 2019, quando o índice geral de desocupação foi de 11%, os brasileiros entre 18 e 24 anos enfrentavam uma taxa de 23%, segundo o IBGE. Ao fim do primeiro trimestre de 2020, com a pandemia deixando um rastro de destruição também na economia, de cada dez jovens, três estavam sem ocupação.

Nesse contexto, não causa estranheza o resultado de uma pesquisa da Consumotecia Lab, uma consultoria com sede em São Paulo. O levantamento feito após o início do período de quarentena mostra que cerca de 40% dos jovens têm passado tempo no isolamento pensando no que acontecerá ao fim da pandemia. “O Brasil corre o risco de falhar duas vezes: com aqueles a quem o país não deu educação de qualidade e com os que tiveram chances de estudar numa boa escola, mas não terão bons empregos”, disse Wellington Vitorino, presidente do Instituto Four, empreendimento social que tem como meta capacitar jovens lideranças para repensar grandes problemas brasileiros. Vitorino, de 25 anos, fala por experiência própria.

Para o carioca Wellington Vitorino (acima), presidente do Instituto Four, uma ONG voltada para a formação de lideranças jovens, o Brasil corre o risco de falhar duas vezes: com quem não recebeu educação de qualidade e com os que tiveram chances de estudar numa boa escola, mas não terão bons empregos

Cansada de batalhar e ganhar pouco, a paulista Daniele Pistore (acima, à dir.) engrossou a fila dos brasileiros que desistiram do Brasil. Agora, está morando na Irlanda

Antes do coronavírus, parte dos jovens sonhava com o sucesso instantâneo, como se todos pudessem ficar ricos sendo youtubers. A pandemia os fez acordar para a realidade de uma economia que pode encolher 5% neste ano



NELSON ALMEIDA / AFP



MAURO F. MENTEL / AFP

De Dilma Rousseff a Jair Bolsonaro, passando por Michel Temer, os últimos três ocupantes do Palácio do Planalto foram incapazes de colocar a economia no caminho do crescimento sustentável

Morador de São Gonçalo, no Rio de Janeiro, acordava às 4 horas da manhã para assistir a aulas como bolsista numa escola particular na Gávea. Na universidade, foi bolsista em uma faculdade de finanças de prestígio. “Quando entrei no curso, nos disseram que os alunos dali tinham 95% de chances de conseguir emprego. Quando saímos, a realidade era bem diferente”, disse.

Entre os especialistas em educação, a preocupação agora é o aumento da evasão. “Mesmo um aluno de classe média pode ter de abandonar os estudos para ajudar na renda familiar, e isso prejudica ainda mais a perspectiva desses jovens no mercado de trabalho futuro”, disse Bruno Ottoni, pesquisador da consultoria IDados e responsável por um estudo que ouviu 3 mil jovens sobre desemprego. Um levantamento recente do Conselho Nacional de Juventude (Conjuve), órgão ligado ao governo federal, mostrou que 28% daqueles entre 15 e 29 anos pensam em não voltar às escolas e faculdades quando as aulas presenciais forem retomadas.

Cada vez fica mais claro: o que acontece hoje no Brasil terá consequências negativas por bastante tempo, mesmo quando os empregos voltarem. Economistas de várias partes do mundo já mostraram os efeitos de ta-

xas altas e continuadas de desemprego entre jovens no longo prazo. De modo geral, quem demora a entrar no mercado de trabalho tem renda menor por vários anos na comparação com profissionais de gerações anteriores com a mesma formação. Isso porque quem sai do ensino médio ou da universidade aprende muito no trabalho.

Ao entrar tarde na vida profissional, essas pessoas têm de começar do zero, demoram mais a ser promovidas e a ganhar mais. Devido aos efeitos da crise econômica de 2008-2009 nos países ricos, a renda familiar média de um americano de 30 anos hoje é um terço menor se comparada com a de seus pais ou avós na mesma idade. As consequências negativas disso não se restringem apenas àqueles diretamente afetados. Esse atraso pode afetar a venda de imóveis e bens e funcionar como um freio de mão puxado para a economia. Por aqui, a preocupação com a recessão acentuada se estende à área da segurança. “A situação que estamos vivendo não só diminui a renda, como aumenta a chance de parte dos jovens entrarem para o crime”, disse Naercio Menezes Filho, respeitado professor do Insper, instituição de ensino de São Paulo.

Mesmo as histórias de jovens de sucesso nos últimos anos — sim, elas também existem



EDILSON DANTAS / AGENCIA O GLOBO

Para Stephany dos Santos (acima), que conseguiu uma das poucas vagas de trainee em uma multinacional de cosméticos, uma das marcas de sua geração é dar voz às minorias

— foram marcadas pelos anos de recessão. Quando criança, o mineiro Vinicius Costa Soares, hoje com 25 anos, vendia maçã do amor na pequena cidade de Piumhi, a quatro horas de carro de Belo Horizonte. Enquanto cursava engenharia mecânica na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), foi fazer um curso de negócios na Universidade Columbia, em Nova York. Quando voltou, participou de processo seletivo para estágio em grandes empresas e não foi aprovado. “A crise estava forte e bateu um sentimento ruim. Eu estava numa das melhores universidades do mundo e achei que seria fácil conseguir uma vaga, mas não foi”, disse Soares, que hoje, já formado, administra mais de R\$ 150 milhões na fintech Monetus, da qual é sócio.

A ironia é que, entre os jovens que estão sendo testados por uma conjuntura adversa sem precedentes, há uma parcela que vinha sonhando com um sucesso quase instantâneo. A expectativa, como mostram pesquisas de opinião, era que, aos 20 e poucos anos, já deveriam ter despontado como os self-made youtubers que acompanham na internet, ao estilo de Whindersson Nunes e Bianca Andrade. Outros achavam que fundariam uma empresa e daria muito certo.

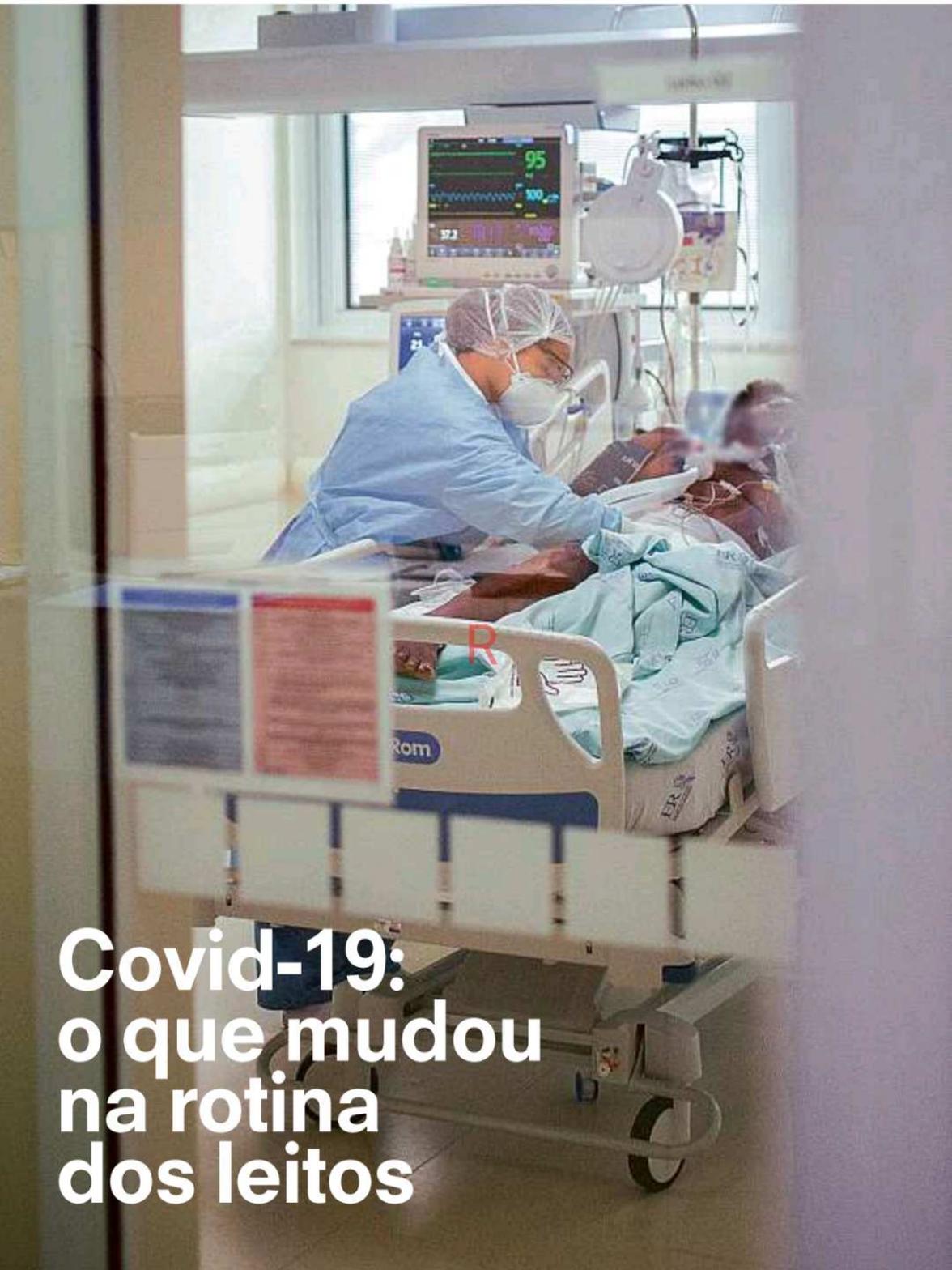
Para essa parcela dos que idealizavam o futuro, os desafios seriam resolvidos na base do “talento”, como no caso do jogador de futebol Neymar e da cantora Anitta. Aí veio a Covid-19, um choque de realidade, e o futuro ficou suspenso.

Desmentindo a ideia “ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais”, os jovens de hoje não têm a pretensão de mudar o mundo, como os idealistas de outras décadas. “A sueca Greta Thunberg não é amada por seu papel na causa ambiental, mas porque ficou mundialmente famosa com 15 anos”, disse Michel Alcoforado, antropólogo da consultoria Consumoteca Lab, que estuda a juventude desde os anos 1990.

Esses jovens de perfil mais individualista também têm suas causas sociais. Segundo pesquisa da Cia de Talentos, empresa de recrutamento para as maiores multinacionais do país, o respeito à diversidade é o tema que os jovens mais gostariam que as companhias promovessem (46%), à frente de meio ambiente (24%) e justiça social (24%). “Minha geração é a de as pessoas abrirem os olhos para as minorias e darem voz a elas” definiu Stephany dos Santos, de 25 anos, que conseguiu uma das poucas vagas de trainee em uma multinacional de cosméticos.

Esse anseio mais inclusivo mudou, em certos casos, até o vocabulário. Como lembrou Toni Reis, diretor presidente da Aliança Nacional LGBTI, nos anos 1990 o termo comumente usado para descrever gays e lésbicas era “homossexual”. “O reconhecimento das várias identidades aumentou tanto que tornou essa palavra obsoleta”, disse Reis.

Para a psicanalista argentina Adela Gueller, que tem consultório em São Paulo, nem tudo é tolerância na Geração Recessão. Os jovens criados na internet também são marcados pela busca de um suposto perfeccionismo, consequência da vigilância constante da vida online e do império do politicamente correto. “Chama minha atenção a rigidez de muitos jovens. Muitos de meus pacientes não querem sequer aprender a dirigir, habilidade importante, porque dizem que não é mais correto ter carro”, revelou. Mesmo antes da pandemia, uma palavra vinha sendo usada por antropólogos para definir essa nova geração: ansiedade. Com o acréscimo inesperado do coronavírus, talvez a expressão seja super, mega, hiperansiedade.



Covid-19: o que mudou na rotina dos leitos

SEIS MESES APÓS A CHEGADA DO VÍRUS AO BRASIL, COM 3,6 MILHÕES DE CASOS E MAIS DE 115 MIL MORTES, MÉDICOS DA LINHA DE FRENTE NO COMBATE À PANDEMIA ANALISAM O QUE APRENDERAM NA OBSERVAÇÃO DE PACIENTES NOS HOSPITAIS E COM SUAS PRÓPRIAS HISTÓRIAS DE RECUPERAÇÃO DA DOENÇA

por Constança Tatsch e Elisa Martins

No dia 26 de fevereiro, o Brasil registrava seu primeiro caso oficial de Covid-19: um morador de São Paulo, de 61 anos, que havia visitado a Itália pouco antes. Ao longo destes seis meses, cientistas e médicos avançaram muito no conhecimento da doença. “Neste período, mudou praticamente tudo. Quem morreu em março provavelmente não morreria hoje, porque havia total desconhecimento da doença. Não que a gente conheça muito, mas temos mais noção”, afirmou o intensivista Antonino Eduardo Neto, gerente médico do Hospital Badim, no Rio de Janeiro. “No início tratávamos a Covid-19 como uma doença só, agora dividimos em fases, cada uma com medicamentos diferentes. Tudo foi descoberto neste período à medida que os estudos avançavam e batiam com aquilo que víamos na beira do leito.”

Um das maiores mudanças, segundo Neto, foi a “invasão do doente”. Antes, o protocolo indicava intubar qualquer paciente com saturação um pouco baixa, entre 91% e 95%. Hoje, o indicado é fazer ventilação não invasiva (que era desaconselhada), deixando a intubação e UTI apenas para os casos mais graves. Outra grande alteração é que as pessoas eram orientadas a ir tardiamente ao hospital, só quando surgisse falta de ar. “Hoje temos outra visão. Se esperar demais para procurar atendimento, o paciente será entubado direto e dificilmente terá bom desfecho.”

A primeira fase da doença, de acordo com o médico intensivista, é a infecciosa, quando o vírus começa a replicar, mais ou menos entre o terceiro e o sétimo dia após o

início dos sintomas. Nessa etapa, é preciso investir em medicamentos que reduzam a replicação viral, mas em muitos pacientes a própria resposta imunológica faz com que a doença cesse por aí, com leves sintomas. Esses sintomas, inclusive, que antes eram apontados como respiratórios, agora são identificados principalmente como cefaleia, dores abdominais, falta de olfato e paladar e dificuldade de deglutir.

A segunda fase é a inflamatória, dividida entre 2A e 2B, quando começam a ocorrer os processos pulmonares. Nessa etapa, os estudos mostram que o uso de corticoide reduz as mortes e o número de pessoas que evoluem para intubação. A fase 2A é inflamatória sem hipóxia (diminuição de oxigênio no sangue), quando ocorre acometimento pulmonar sem trombose. A 2B é inflamatória com hipóxia, com trombose provocada por uma junção de Covid-19 e o chamado tromboembolismo pulmonar.

A terceira fase aparece na terapia invasiva, com o paciente entubado, o que acarreta não apenas a Covid-19 mas também infecções secundárias e avanço das comorbidades, como insuficiência renal associada, peritonite, coração com processo inflamatório.

Para entender melhor a evolução da compreensão da Covid-19 nestes seis meses, ÉPOCA colheu o depoimento de dois médicos infectologistas que, além de estarem na frente da batalha, tiveram a doença em momentos diferentes: um nos primeiros dias da pandemia, e o outro poucos dias atrás. Conheça suas histórias pessoais e os tratamentos.

Paciente sendo atendido na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do Hospital Emilio Ribas, em São Paulo, em junho, momento em que ainda havia muitas dúvidas sobre o tratamento adequado



MÁRCIA FOLETTO/AGÊNCIA O GLOBO

UMA DOENÇA VIRAL VAI DO ASSINTOMÁTICO AO POUCO SINTOMÁTICO, QUE SÃO 80%, AO CASO QUE NECESSITA DE HOSPITAL E AOS 5% QUE VÃO PARA A UTI. E NÃO DEU PARA ME EXCLUIR DOS 5%. A CABEÇA FOI LONGE. NÃO SOU DIFERENTE DE NINGUÉM. TIVE MEDO, VOCÊ FAZ CONTAS. MAS SOU MUITO RELIGIOSO, E ISSO ME DEU PAZ

Sou da época do início da epidemia da aids. O primeiro diagnóstico de um brasileiro que passou para outro foi em meu consultório. A coisa mais dolorosa que éramos obrigados a colocar na mala de médico eram os atestados de óbito.

Hoje ainda chegam pacientes graves de coronavírus de vários lugares do país. Nas últimas horas, internei três pacientes na UTI. O que aprendemos, e isso não havia em março quando me infectei, é a seguir protocolos completos sem remédio específico. Já aprendemos a ver antecipadamente aquele paciente que pode ir mal, e aí atuamos desde o primeiro momento. E a partir da internação vamos aos limites, do ponto de vista de medicamento, suporte respiratório, imunobiológico. E com uma equipe multidisciplinar. Isso está claro: essa é uma doença de várias profissões. Se não estiver-

mos entrosados, protocolados, em um hospital com recursos, vai ficar mais difícil.

Uma novidade hoje é a que está por conta dos jovens. Eles estão se expondo e se infectando. Na maioria das vezes, a doença neles é leve. Mas acabam infectando pais e avós, e vira um problema sério. Vejo isso todos os dias aqui. Vejo de tudo na pandemia. Desde pessoas que não acreditam, acham que estamos exagerando. Aí proponho que façam visita comigo no hospital. Que vejam o que acontece na linha de frente.

Há expectativa de soluções a breve e médio prazos. Mas, agora, não existe a bala de prata. É o conjunto, a estrutura de hospital, equipes multiprofissionais treinadas e o que se tem disponível, na tentativa de curar as pessoas. Um processo difícil, lento e doloroso. São ainda muitas perguntas sem respostas. Isso é pandemia.

RALCYON TEIXEIRA

39 anos, infectologista, diretor da Divisão Médica do Instituto de Infectologia Emílio Ribas



D. VULGAÇÃO

Eu tive uma forma leve da Covid-19 há duas semanas. Neste momento, a gente tem mais segurança para entender o que é forma leve, moderada ou grave da doença. Não precisei ir para o hospital, fazer exames ou tomar remédio. Se fosse em março ou abril, teria feito tomografia, exame de sangue para ver a gravidade.

Tive dor de cabeça num dia, achei que era da tensão pela sobrecarga de trabalho e no dia seguinte acordei com coriza e dor no corpo. Como uma médica próxima do hospital estava positiva, por via das dúvidas e até pela proteção das outras pessoas, resolvi fazer o exame para provar que não era nada. Tinha só aquela sensação de que teria um resfriado, mas aí veio o positivo. Foi o segundo exame que fiz desde o começo da pandemia.

Na primeira noite, eu fiquei preocupado. Ainda é algo que não conseguimos entender. Apesar de seis meses trabalhando nisso e vendo muito paciente, é uma caixinha de surpresas descobrir qual paciente vai evoluir com complicação. Geralmente, é a partir do quinto dia que começa a haver piora progressiva dos sintomas. Comecei a pensar um monte de coisas, até em deixar as senhas para parentes antes de ir para o hospital e ser entubado. É muito ruim essa angústia de estar contamina-

do, você não sabe para que lado vai a infecção e vemos uma quantidade grande de casos graves. A partir da segunda noite vi que, retrospectivamente, já estaria no quinto dia da infecção, não tinha febre e me sentia muito bem. Mas a tensão continuou mais um pouco porque pode haver piora do sétimo ao décimo dia. Mas era a forma leve mesmo.

Por outro lado, se tivesse um sintoma mais expressivo buscaria a internação precoce, não teria ficado esperando passar mal em casa. No passado, a gente pedia às pessoas para só irem ao hospital por necessidade. Havia uma série de motivos: capacidade hospitalar, tentativa de diminuir transmissão e porque achávamos que encheria de gente com qualquer coisa pensando ser Covid-19. Isso foi mudando. No início até prescrevemos a cloroquina porque existia um estudo francês que indicava, depois foi comprovado que não havia evidências científicas para o uso. Eu tenho em casa um oxímetro do consultório e usei. A gente recomenda que, se o paciente puder, compre ou pegue emprestado um desses aparelhos. Hoje sabemos que é importante ver o grau de saturação porque a doença provoca uma silenciosa falta de oxigênio no sangue, mas isso não era uma prescrição antes, só observávamos os sintomas clínicos.

Agente de saúde (à dir.) usa um oxímetro para medir a saturação do sangue de moradora da Ilha de Marajó, no Pará, em junho. O médico Ralcyon Teixeira (acima) recomenda a compra do aparelho para ter em casa. Teixeira teve uma versão leve da Covid-19 há duas semanas e ainda assim ficou preocupado

NA PRIMEIRA NOITE, EU FIQUEI PREOCUPADO. É UMA CAIXINHA DE SURPRESAS DESCOBRIR QUAL PACIENTE VAI EVOLUIR COM COMPLICAÇÃO. COMECEI A PENSAR ATÉ EM DEIXAR AS SENHAS PARA OS PARENTES ANTES DE IR PARA O HOSPITAL E SER ENTUBADO. É MUITO RUIM A ANGÚSTIA DE ESTAR CONTAMINADO

Mudou também o tempo de isolamento, no começo a indicação era de 14 dias e tinha de repetir o exame até dar negativo. Mas a Organização Mundial da Saúde (OMS) reduziu para dez dias o tempo de isolamento nas formas leves. Também não precisa fazer o exame de controle, porque pode ficar positivo por até oito semanas, por causa de fragmentos do vírus presentes no nariz. Já estou trabalhando.

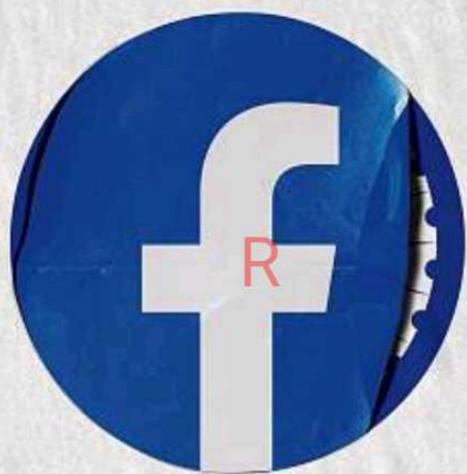
O Emilio Ribas é um hospital de retaguarda para casos de Covid-19 de São Paulo, Grande São Paulo e até do resto do estado. Seremos um dos últimos hospitais a serem desmobilizados do combate à doença. Os casos do pronto-socorro diminuíram bastante,

especialmente neste último mês, mas as transferências continuam ocorrendo. As equipes já estiveram mais cansadas, agora têm uma segurança e expertise maior, mas ao mesmo tempo continuamos sem perspectiva de término, o que cansa também.

Em meu caso pessoal, sinto agora um alívio muito grande. Com os meses fui ficando meio ansioso, todo dia acordava com uma dor nas costas e já pensava se aquele seria o dia D da Covid-19 porque nossa exposição diária é muito grande no hospital. Ter tido a doença e ter sido a forma leve me dá tranquilidade porque vemos muitos casos graves que caminham para a morte.

TARSO SARRAF/AFP





Como o Facebook ignorou suas próprias regras contra o discurso de ódio para preservar as boas relações com o governo da Índia

por André Duchiede

REDE HINDU

Em fevereiro deste ano, quando a Índia era palco de episódios de violência sectária que deixaram dezenas de mortos, Kapil Mishra, um líder do Partido do Povo Indiano (BJP), o mesmo do primeiro-ministro Narendra Modi, foi a sua conta verificada no Facebook jogar combustível nas chamas. “O Paquistão chegou a Shaheen Bagh”, afirmou, em referência a um dos maiores bairros de Nova Délhi. “Pequenos Paquistões estão sendo criados na cidade. A lei do país não está sendo mais seguida.” Em outra mensagem, ele afirmou: “Índia versus Paquistão. Haverá uma disputa nas ruas de Délhi”.

Uma reportagem publicada há duas semanas pelo *The Wall Street Journal* ajuda a explicar como mensagens como essas, muitas proferidas por altas autoridades do governo nacionalista de Modi, puderam se proliferar no Facebook. Segundo o texto, a rede social favoreceu o BJP, o partido do primeiro-ministro, em sua campanha para perseguir muçulmanos e tornar a Índia um país oficialmente hindu. Violando seus próprios termos de uso, o serviço criado por Mark Zuckerberg chegou a ignorar mensagens de ódio publicadas por políticos do BJP, por temer que a restrição ao conteúdo prejudicasse seus negócios.

Um dos casos citados pelo jornal foi o de T. Raja Singh, um deputado da região de Te-

langana, que publicou mensagens propagando o fuzilamento de imigrantes muçulmanos da etnia rohingya, de Mianmar, e o incêndio de mesquitas. Os textos foram analisados por funcionários do Facebook, que concluíram não apenas ter havido uma violação das regras do site, mas também que Singh era alguém perigoso, capaz de atos violentos no mundo real. Apesar disso, Ankhil Das, a principal executiva de políticas públicas da empresa na Índia, foi contra a aplicação das regras de discurso de ódio da empresa, e as contas de Singh no Facebook e no Instagram permanecem no ar.

A reportagem também chamou a atenção para manifestações de preconceito anti-muçulmano da própria Das. No final de 2019, ela compartilhou no Facebook uma postagem escrita por um ex-policia que se referia aos muçulmanos da Índia como uma “comunidade degenerada”, para a qual “nada importa exceto a pureza da religião e a implementação da sharia”. Horas depois da publicação do *The Wall Street Journal*, a executiva recebeu ameaças de morte e pediu ajuda à polícia. Nesta semana, ela publicou um pedido de desculpas, no qual disse que a “intenção de minha postagem pessoal no Facebook não era denigrar o islã”, mas “refletir uma profunda crença na celebração do feminismo e da participação cívica”. Ela não se referiu à reportagem do *WSJ*.

O Facebook tem mais de 340 milhões de usuários na Índia, a maior quantidade no mundo, e o WhatsApp, do mesmo grupo, está prestes a lançar um serviço de pagamentos

As denúncias de alinhamento da maior rede social do mundo com o governo provocaram alvoroço na Índia, mas não surpreenderam. Em 2016, o *The Guardian* já publicara uma matéria afirmando que Das tinha acesso a qualquer gabinete de Nova Délhi. “Costumávamos brincar que era como se ela fosse neta de Modi”, disse um funcionário. No ano seguinte, a *Bloomberg* apresentou uma reportagem defendendo que os funcionários do Facebook haviam se tornado “trabalhadores de campanha” na Índia e tinham “ajudado a desenvolver a presença online do primeiro-ministro Modi”. “Extremistas hindus que apoiam o partido de Modi têm usado o Facebook e o WhatsApp para fazer ameaças de morte contra muçulmanos ou críticos do governo”, dizia o texto.

Alguns dos grupos desses extremistas chegam a reunir milhões de pessoas. No Instagram, também de propriedade de Zuckerberg, a página HindustaniBhau, uma conta verificada com 3,4 milhões de seguidores, recentemente publicou um chamado à violência contra as minorias, com um vídeo defendendo que opositores da fé hindu deveriam “aprender uma lição”. Após a repercussão da reportagem do *The Wall Street Journal*, a página foi suspensa, mas milhares de contas parecidas, com conteúdo de ódio e milhares de seguidores, continuam no ar.

Segundo outra reportagem investigativa, publicada pelos jornalistas indianos Cyril Sam e Paranjy Guha Thakurta no site Newslick em 2018, há uma antiga troca de favores entre a rede social e o governo de Modi. A investigação denuncia que “o Facebook trabalhou em estreita colaboração com Modi muito antes de ele se tornar primeiro-ministro da Índia; deu apoio a seu partido e a seus apoiadores; ajudou a tornar Modi o líder mais ‘apreciado’ em suas plataformas; alegadamente fez vista grossa a campanhas de desinformação coordenadas, inclusive contra membros de comunidades minoritárias, que levaram a incidentes de linchamento, além de



MANJUNATH KIRAN/AFP

perseguir jornalistas e políticos específicos que eram vistos como opositores”.

O tamanho do mercado indiano ajuda a explicar o interesse do Facebook em manter boas relações com o governo. A rede social tem mais de 340 milhões de usuários na Índia, a maior quantidade entre todos os países. Já o WhatsApp, também de propriedade de Zuckerberg, tem 400 milhões de usuários e está prestes a lançar um serviço de pagamentos. Os investimentos vão além das mídias sociais. Em abril, o Facebook anunciou que investirá US\$ 5,7 bilhões (R\$ 32 bilhões) na companhia de internet móvel Reliance Jio, do bilionário Mukesh Ambani.

Depois da publicação da reportagem, 11 funcionários do Facebook Índia escreveram uma carta aberta à liderança da empresa pedindo mais consistência nas políticas da companhia. “É difícil não se sentir frustrado e triste com os incidentes relatados. Sabemos que não estamos sozinhos nisso. Os funcionários de toda a empresa estão expressando sentimentos semelhantes”, escreveram eles. “A comunidade muçulmana no Facebook gostaria de ouvir a liderança da empresa sobre nossas solicitações.”

Funcionário de uma empresa de checagem indiana contratada pelo Facebook assiste a um vídeo do primeiro-ministro indiano, Narendra Modi

Duas pessoas morreram neste mês no país durante protestos e confrontos entre hindus e muçulmanos (acima, à dir.) provocados por post no Facebook com críticas a Maomé



AN/INDITO MIKHEDJEE/BL/COMBERG/GETTY IMAGES

RNo Congresso, uma comissão comandada pelo partido Aam Aadmi (Partido do Homem Comum), de oposição, começou a se encontrar na última semana para investigar atividades políticas do Facebook, incluindo possível participação do site na onda de violência sectária em fevereiro. Em seu primeiro encontro, um especialista disse ao comitê que o Facebook “não é agnóstico e neutro em seu conteúdo”.

“No início deste ano, houve episódios de violência sectária em Délhi e em outros lugares. O papel do Facebook nesses tumultos tem de ser investigado, isso ficou claro na reunião de hoje. As testemunhas também levantaram preocupações sobre a realização de eleições livres e justas por meio do funcionamento seletivo do Facebook”, afirmou Raghav Chadha, presidente da comissão, no encerramento da sessão. O comitê questionaria os executivos do Facebook na quarta-feira sobre as políticas de regulamentação do discurso da empresa na Índia.

Andy Stone, um porta-voz do Facebook, disse ao *WSJ* que a executiva Ankhi Das “levantou preocupações sobre as consequências políticas que resultariam da desig-

nação de Singh como indivíduo perigoso, mas disse que sua oposição não foi o único fator na decisão da empresa de permitir a presença de Singh na plataforma”.

Após o artigo, o chefe do Facebook Índia, Ajit Mohan, defendeu a colega e alegou que o texto “não reflete a pessoa que conheço ou os problemas extraordinariamente complexos que enfrentamos todos os dias que se beneficiam de Ankhi e da experiência da equipe de políticas públicas”. Mohan também escreveu que a empresa está “confiante de que a afirmação do artigo de que as afiliações políticas influenciam a tomada de decisões na Índia é imprecisa e sem mérito”.

Chefe da área de informação do governo indiano, Amit Malviya respondeu em um artigo publicado no *The Times of India* que “é ridículo sugerir que o Facebook é receptivo ao BJP e ao ecossistema conservador mais amplo. Se algo acontece, é o contrário”. Segundo ele, “moldar o discurso público não pode ser competência exclusiva da esquerda, que perdeu seu monopólio e apoio público. A mídia social democratizou o discurso”, completou.

GOVERNOS COM TRAÇOS AUTORITÁRIOS
 EMBALADOS POR FANÁTICOS RESENTIDOS:
 ESSE RECEITUÁRIO PERIGOSO TEM FEITO
 INTELECTUAIS VOLTAREM A SE DEBRUÇAR
 SOBRE O MOVIMENTO DE EXTREMA-DIREITA
 QUE DEVERIA TER MORRIDO NO PÓS-GUERRA

por Jerônimo Teixeira

A RAMPA PARA O FASCISMO

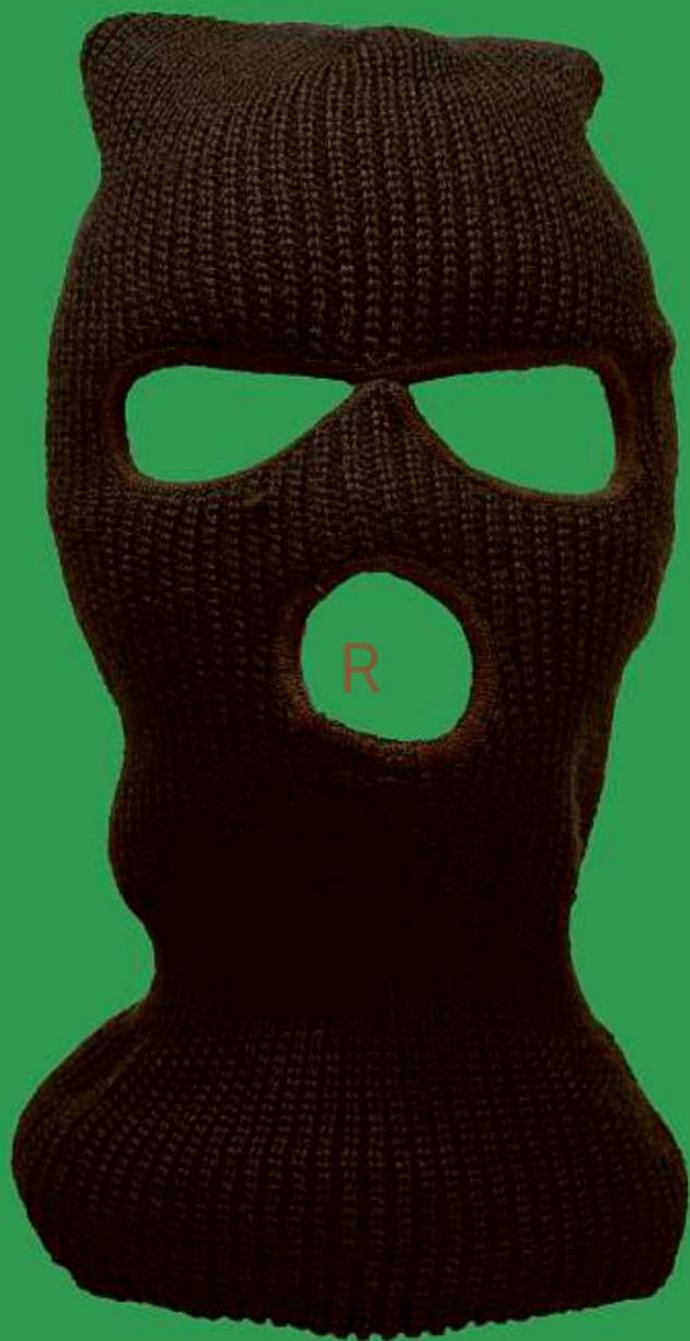
Voluntário da causa republicana na Guerra Civil Espanhola, George Orwell desembarcou em Barcelona no final de 1936 com o propósito inequívoco de matar um fascista — no caso, um combatente das falanges do generalíssimo Francisco Franco. Menos de uma década depois, o escritor inglês constataria que a palavra “fascista”, empregada para qualificar (ou desqualificar) dos cachorros (!) à astrologia, ficara “quase desprovida de significado”. A vulgarização do termo, que Orwell registrou já em 1944, seguiu em curso desenfreado século XXI adentro. A eleição de um franco apologista da ditadura militar cuja retórica beligerante parece não conhecer freios — como se viu na recente ameaça física ao jornalista que o questionou sobre as ligações de sua família com o indefectível Fabrício Queiroz — revitalizou o termo antes usado para xingar os mais timoratos políticos de centro-direita e às vezes até de centro-esquerda. Mais ou menos como o espectro do comunismo da famosa abertura do *Manifesto comunista* de Marx e Engels, um fantasma nazifascista assombra o debate público nacional.

Em mensagem privada que vazou para a imprensa, Celso de Mello, ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), comparou a situação brasileira atual ao fim da República de Weimar com a ascensão do nazismo, e seu colega Gilmar Mendes vem falando em genocídio para caracterizar o descalabro do governo na condução da pandemia de Covid-19.

No campo acadêmico, um conjunto substancial de pesquisadores da história e das ciências sociais — nem todos alinhados com a esquerda, ao contrário do que poderiam supor os tletes de Jair Bolsonaro — vem discutindo o problema com rigor e seriedade. Nenhum deles chega a afirmar que vivemos sob um regime fascista. Mas os traços autoritários do governo e o ressentimento fanático de seus apoiadores permitem aproximações com os movimentos que assombraram o mundo na primeira metade do século XX.

O fascismo histórico emergiu nos anos 20 e 30 do século passado, em uma Europa que mal se recuperara dos traumas da Primeira Guerra Mundial e já afundava na depressão econômica. A palavra vem dos Fasci di Combattimento, as organizações paramilitares italianas lideradas por Benito Mussolini. Com a vitoriosa marcha das esquadradas fascistas sobre Roma, em 1922, o ex-socialista Mussolini sagrou-se como o pioneiro dos ditadores de extrema-direita na Europa. Mais frouxo em sua doutrina que seu irmão alemão — o nazismo de Adolf Hitler só tomaria o poder em 1933 —, o fascismo desligou-se de seu contexto original para se converter em um conceito ainda válido na ciência política.

O ensaísta e romancista italiano Umberto Eco, em um artigo famoso de 1995, divulgou a ideia de um “ur-fascismo”, ou “fascismo eterno”. Historiadores como o britânico Roger Griffin, de Oxford, aceitam um “fascismo genérico”,



O INDIVIDUALISMO É UMA CARACTERÍSTICA QUE DIFERENCIA O FASCISMO DO PASSADO DOS FANTASMAS DO PRESENTE. O FASCISTA DO SÉCULO XX NEUTRALIZAVA SUA INDIVIDUALIDADE NO SEIO DO PARTIDO, ENQUANTO O BOLSONARISMO VALORIZARIA JUSTAMENTE A FIGURA DO SELF-MADE MAN

O segundo grupo de pesquisa, vinculado ao Laboratório de Política, Comportamento e Mídia da PUC de São Paulo (Labô) e com 40 participantes, é mais provocador no título: Bolsonarismo, o Novo Fascismo Brasileiro. Eduardo Wolf, doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) e coordenador do projeto, explica que o ponto de partida é o debate, corrente há mais de uma década, sobre a crise das democracias liberais — crise que, no instável cenário político brasileiro, teria conduzido a Bolsonaro. Wolf faz uma distinção importante entre o governo e o movimento social que lhe dá amparo. Se o residente do Palácio da Alvorada ainda se deixa limitar pelas regras do jogo político, o mesmo não vale para a turba que — sob incitação ou inspiração de seu líder — divulga memes e fake news pelas redes sociais, faz carreatas em frente a hospitais ou lança fogos de artifício contra o prédio do STF. “Não é mais mera acusação retórica falar em fascismo ou neo-

fascismo quando se trata da configuração do movimento social bolsonarista”, disse Wolf.

Bolsonaro já vai se convertendo em um caso de estudo internacional. Professor da New School for Social Research, em Nova York, o argentino Federico Finchelstein contou que utiliza, em sala de aula, o presidente brasileiro como exemplo da “deformação radical da realidade” promovida pelo discurso fascista. “Ele é muito explícito nisso. É até chamado de ‘mito’ por seus seguidores”, disse. Em um livro publicado neste ano, *Uma breve história das mentiras fascistas* — a ser lançado no Brasil em setembro, pelo selo Vertigem —, Finchelstein propõe que os fascistas são mentirosos de uma categoria muito particular: acreditam nas mentiras que contam — mentiras que servem à construção de um passado nacional glorioso, um mito retrógrado que dá base à prática política do líder autoritário. Amparada em uma profusão de textos e discursos de ideólogos fascistas do século passado,

WALLACE MARTINS/FUTURA PRESS



FINCHELSTEIN PROPÕE QUE OS FASCISTAS SÃO MENTIROÇOS DE UMA CATEGORIA MUITO PARTICULAR: ACREDITAM NAS MENTIRAS QUE CONTAM — MENTIRAS QUE SERVEM À CONSTRUÇÃO DE UM PASSADO NACIONAL GLORIOSO, UM MITO RETRÓGRADO QUE DÁ BASE À PRÁTICA POLÍTICA DO LÍDER AUTORITÁRIO

a tese abrange duas figuras contemporâneas que despontariam como herdeiros dessa linhagem: Bolsonaro e o presidente americano Donald Trump. “Não é possível chamá-los de fascistas neste momento. Mas ambos tentam degradar e diminuir a democracia, até onde isso é possível”, disse Finchelstein.

A construção de um inimigo perverso — uma das paixões mobilizadoras de Paxton — também é parte do *modus operandi* fascista, e o bolsonarismo é pródigo em inimigos, reais ou imaginários: a imprensa, o globalismo, a esquerda. Essa batalha contra inimigos múltiplos trava-se sobretudo nas redes sociais — e essa é uma diferença marcante em relação ao contexto histórico dos anos 1920 e 1930. O cientista político Giuseppe Cocco, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), disse que em uma era de “guerras moleculares” — como as que devastam a Síria e como as que afligem as periferias conflagradas do Rio de Janeiro —, nas quais todos lutam contra todos e impera a confusão, a identificação do inimigo se torna um “mecanismo de legitimação”.

Na guerra cultural brasileira, é comum que antigos aliados do governo ocupem esse lugar — como ocorreu com o ex-ministro da Justiça Sérgio Moro. Esse processo não foi criado pelo bolsonarismo, mas se agravou com ele. “Tudo isso já vinha sendo produzido pela polarização que o lulismo acirrou quando entrou na linha de fogo da Lava Jato”, avaliou Cocco. O combustível da guerra cultural bolsonarista é o ressentimento, e nisso o historiador Michel Gherman detecta um “sotaque nazista”. “Mais do que qualquer fascismo, o nazismo aciona ressentimentos atávicos”, disse ele. “E Bolsonaro é a encarnação do ressentimento”. Gherman também identifica, em Bolsonaro, afinidades estéticas com o nazismo, sobretudo na exaltação da violência como meio de fazer política. Uma imagem emblemática dessa estética, registrada em maio, seria o presidente improvisan-

do um desfile marcial sobre um cavalo tomado de empréstimo da Polícia Militar de Brasília.

A retórica divisiva de Bolsonaro ampara-se em uma noção monolítica e excludente de povo. “Só existe um povo neste país”, disse o ex-ministro da Educação Abraham Weintraub ao expressar seu repúdio a expressões como “povos indígenas” na reunião ministerial de abril. “O bolsonarismo sequestrou o povo brasileiro, que passou a ser apenas os 30% de apoiadores mais constantes”, disse Lilia Moritz Schwarcz, historiadora e antropóloga da USP. “É uma concepção tacanha de democracia.” Nessa linha, Adriana Novaes, pós-doutoranda em filosofia na USP — e, como Cocco e Gherman, participante do grupo de pesquisa do Labô — alerta sobre uma ameaça à pluralidade que deveria ser um fundamento das democracias liberais. “O fascismo falsamente atribui uma unidade ao país, que na verdade é constituído de vários grupos. E cada grupo também é plural”, disse.

SAUL LOEB/AFP



PEDRO LADREIA/FOLHAPRESS



R

Em sua aversão à diversidade e à diversidade, Bolsonaro já provocou tensões desnecessárias com outros Poderes e instituições, tensões que vinham se suavizando desde o acordo com o centrão — uma acomodação política que, aliás, não seria estranha ao fascismo histórico, como observou Eduardo Wolf: “Mussolini nunca teve pejo em fazer composições as mais variadas”. Nessa provisória e ilusória calmaria, o governo pôde celebrar seu mais alto índice de aprovação desde a posse, de 37%, segundo o DataFolha. O ímpeto agressivo do presidente, no entanto, voltou a emergir na semana que passou. No domingo 23, perguntado por um jornalista de O GLOBO sobre os depósitos somando R\$ 89 mil que no passado Queiroz fez na conta da hoje primeira-dama, Michelle, Bolsonaro ameaçou em vez de responder: “A vontade é encher tua boca de porrada”.

No dia seguinte, no Planalto, em novo ataque à imprensa, o presidente reafirmou uma de suas muitas crenças infundadas sobre a Covid-19, a já folclórica noção de que um “histórico de atleta” diminui a probabilidade de óbito pela doença — é por isso, disse Bolsonaro, que ele mesmo sobrevive ao vírus, ao

passo que o jornalista “bundão” que contrair a doença pode ter menos sorte. A declaração foi dada em um evento chamado “Brasil vencendo a Covid” — o que é em si mesmo uma impostura: no mesmo dia, a conta dos mortos da Covid chegou a mais de 115 mil. Bolsonaro vem espalhando desinformação desde o início da pandemia, minimizando sua gravidade e insistindo no potencial de cura da hidroxicloroquina, cuja eficácia foi desmentida por estudos científicos. O presidente também faz afirmações bombásticas e infundadas sobre o sistema político — disse em março que as eleições de 2018 foram fraudadas para que ele não vencesse já no primeiro turno — e nega o caráter ditatorial do regime militar implantado pelo golpe de 1964. Não são meros destemperos verbais: em linha com as “mentiras fascistas” dissecadas no livro de Finkelstein, essas são distorções e falsidades que colocam em perigo a vida dos brasileiros, que desacreditam a democracia representativa, que conspurcam a história. George Orwell recomendava circunspeção no emprego da qualificação “fascista”. Seria recomendável que Bolsonaro mostrasse a mesma circunspeção para não merecê-la.

O presidente dos EUA, Donald Trump (à esq.). Assim como Bolsonaro, ainda não é fascista, mas tenta degradar e diminuir a democracia

Em maio, Bolsonaro tomou um cavalo de um oficial da Polícia Militar durante uma manifestação antidemocrática em Brasília e cavalgou pela Esplanada (acima). A demonstração de força perante o povo é um dos componentes do fascismo



OS
VERSOS
BUCÓLICOS

Afastada há anos da cena literária no interior de Minas Gerais, a poeta Maria Lúcia Alvim, de 87 anos, lança *Batendo pasto*, que reúne poemas inéditos escritos em 1982

por Bolívar Torres

Avóz é um pouco fraca e hesitante, mas a fala é lúcida e entusiasmada. Do outro lado da linha, Maria Lúcia Alvim, de 87 anos, tenta explicar por que guardou por tanto tempo os poemas de *Batendo pasto*, seu primeiro livro de inéditos em 40 anos, que será lançado no próximo dia 31 pela editora Relicário. As razões de seu afastamento do mundo editorial são, como quase tudo na poesia, um tanto abstratas. Há quem diga que o desânimo com a falta de reconhecimento a levou a sair de cena. Mas a resposta de Alvim, que há dois anos mora em uma residência de idosos em Minas Gerais, é muito mais lírica, difusa, inefável. “De repente, veio uma verruga no néant (*nada*)”, disse a autora e artista plástica mineira, que estava esquecida da cena literária havia pelo menos três décadas. “Fiquei com dificuldade de me libertar de coisas queridas. Achei que aquilo era só meu, secreto.”

Escrito em 1982, *Batendo pasto* manteve-se, de fato, como um dos segredos mais bem guardados de nossas letras. E teria permanecido assim, se dependesse do desejo original da autora. Uma cópia do manuscrito havia sido confiada em 1991 a um amigo de Alvim, o poeta, professor e tradutor Paulo Henriques Britto, com uma ordem expressa. A obra só poderia ser lançada após a morte dela.

Corta para 2019. O escritor e tradutor Guilherme Gontijo Flores descobriu em um sebo o — até então — último livro publica-

do de Alvim, a coletânea *Vivenda* (1989), que reúne 30 anos de sua produção poética. Aos 36 anos e expoente de uma nova geração, Flores pouco sabia sobre aquela autora versátil e talentosa, que transita com o mesmo brilho entre diferentes formatos: do soneto ao verso livre, passando pelo haikai, o poema-piada, o poema-minuto, o pontilhismo e o poema conversacional. Nem verbete na Wikipédia ela tinha. A pequena biografia que acompanhava o livro também era sucinta: “Nasceu a 4 de outubro de 1932 na cidade mineira de Araxá. Autodidata, abandonou a escola para se dedicar exclusivamente à poesia e à pintura. Realizou exposições de artes plásticas e publicou cinco livros de poesia”.

Flores mencionou o nome de Alvim ao escritor e pesquisador Ricardo Domeneck. Investigando com amigos, eles descobriram não apenas a existência do manuscrito inédito, como também o atual paradeiro da poeta, em sua Minas Gerais natal.

Domeneck viajou até a residência de idosos para conhecer uma de início reservada e relutante Alvim. E acabou por convencê-la da necessidade de publicar o inédito ainda em vida. “Um acontecimento e um pequeno milagre”, escreve Domeneck no prefácio da nova publicação, que conta ainda com um texto de Gontijo Flores e uma orelha escrita por Paulo Henriques Britto em 1991. Os poemas são os mesmos de 1982, sem tirar nem pôr. Refletem os mesmos anseios metafísicos e pastoris da época em que foram escritos: o

Maria Lúcia (em foto de 2013) confiou o manuscrito ao amigo Paulo Henriques Britto em 1991, com a ordem de publicá-lo apenas após a morte dela

Nos anos 1950, Maria Lúcia Alvim trabalhava em uma galeria na Avenida Atlântica, no Rio, morava em um apartamento no Leme, costumava expor suas pinturas em pastel e conhecia a fina flor da cena literária carioca

ritmo particular do campo, a respiração da natureza, o mistério da vida, os caprichos da criação e do tempo. A autora não quis fazer nenhuma modificação, e nem sequer acompanhou o processo de edição.

“Por que publicar agora? Porque queria acabar com tudo”, explicou a poeta por telefone. “Pela situação que estamos vivendo no mundo, era inútil ficar guardando esses segredos mórbidos. Resolvi soltar... para os amigos (*risos*).” Indagada sobre o que estava sentindo ao ver o livro sair do baú, ela respondeu: “Um grande alívio. Estou muito mais leve agora”.

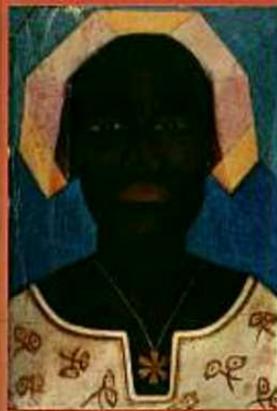
Alvim garantiu não ter nenhuma mágoa com o esquecimento de sua obra. Para ela, disse, nunca faltou nada. Nascida em uma família de poetas, irmã de Maria Ângela Alvim e Chico Alvim (este um dos mais importantes nomes da chamada “pós-vanguarda” brasileira), Maria Lúcia estreou em 1959 com o livro *XX Sonetos*. Foi logo agraciada com o prêmio da *Gazeta de Notícias*, um dos principais da época. Como o título indica, a obra inaugural usa o formato clássico do soneto, assombrado pela metafísica do português Mário de Sá-Carneiro.

A década de 1950, por sinal, foi a “mais feliz” da vida da poeta, segundo a própria. Morando no Rio de Janeiro, trabalhava em uma galeria na Avenida Atlântica, residia em um belo apartamento no Leme todo pintado por ela, expunha ocasionalmente suas pinturas em pastel e conhecia a

fina flor da cena literária. “Em minha vida sempre aconteceram coisas inesperadas”, disse ela. “Nunca solicitei nada. Ficava na minha toca e vinham me procurar. Minha única queixa é ter vivido tanto. Queria ter parado nos 70 anos.”

“Pleitear o mistério me deixou desfigurada”, escreve Maria Lúcia Alvim em “Batendo pasto”. E logo acrescenta: “Ninguém viu, tiziu”. Os versos formam uma boa imagem da natureza discreta e impressionista da autora. Segundo seu irmão Chico Alvim, ela dedicou boa parte de sua vida à poesia, ficando à margem de tudo que era mais prático do dia a dia. Também poeta e diplomata, Alvim vive em Brasília e é autor de livros como *Festa, Lago, montanha e Passatempo e outros poemas* (Prêmio Jabuti de 1982). O revival inesperado deu ao próprio Chico a oportunidade de redescobrir alguns livros da irmã, como o cabraliano *Romanceiro de Dona Bêja* (1979), que ele não relia havia muito tempo. “Maria Lúcia está feliz da vida, o novo livro lhe deu um sopro de vida. Agora somos dois velhotes a serviço da poesia.”

Paulo Henriques Britto conheceu Maria Lúcia Alvim no final dos anos 1980, frequentando saraus no Rio. A impressão que teve na época era de “uma mulher belíssima”. A relação se aprofundou após o lançamento da antologia *Vivenda*, que saiu pela prestigiosa Claro Enigma. A edição representou um primeiro revival da autora,



REPRODUÇÃO



batendo pasto

Maria Lúcia Alvim

DIVULGAÇÃO

trazendo seus melhores poemas e recebendo elogios da crítica. Para a maioria dos escritores, essa seria uma bela oportunidade de voltar à cena. Não para Alvim, que preferiu se manter no isolamento. Após confiar os originais do inédito para o amigo, mudou-se para uma casa na roça, no interior de Minas Gerais. “Ela convidava os amigos para visitá-la, mas os termos do convite eram complicados. Não havia água quente”, lembrou Britto.

Em 2011, Alvim se instalou em um hotel em Juiz de Fora, onde continuou escrevendo poemas. Com a idade avançando, porém, acabou ingressando em um lar para idosos. Sai apenas para ir ao médico, sempre acompanhada da inseparável cuidadora Luciana de Oliveira Dias, que tem organizado todas as suas entrevistas.

“A Maria Lúcia talvez saiba que merece uma maior projeção, mas nunca a vi fazer um comentário ressentido a respeito”, afirmou Britto, que em seu texto na publicação de



ACERVO PESSOAL

Batendo pasto define o clima pastoril do livro como “uma espécie de égloga moderna”.

Mas por que Alvim não é mais conhecida? Segundo Gontijo Flores, ela é uma poeta que está sempre experimentando de tudo um pouco, o que torna difícil rotulá-la. “Ela não cabe em escolas, não foi concretista, não foi marginal, bebeu de tudo e escapou de definições”, disse ele.

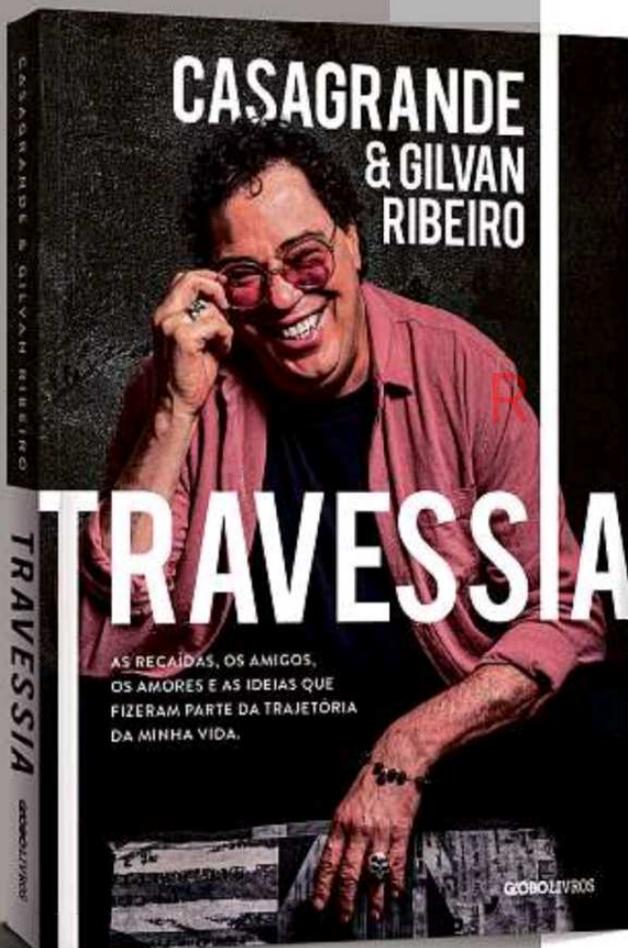
O próprio *Batendo pasto* reflete esse comportamento esquivo: tem tanto sonetos delicados como poemas de uma ou duas linhas, tanto versos satíricos como existenciais. Como diz a autora em um dos poemas, o “pensamento é um tira-pôr”. Tudo pode trocar de lugar. Até o tom pastoril do livro engana. “Ela não aceita essa imagem da natureza bucólica. Para ela a natureza é mais um modo de questionar a dor e a alegria, de fazer um questionamento dos espaços internos, que se desdobram em amarrações externas”, explicou Flores.

Aos poucos, Alvim vem saindo da reclusão. Em março, pouco antes da pandemia, viajou para o Rio e se apresentou em uma homenagem que fizeram a ela na Livraria Travessa, em Botafogo. A poeta, que tem um baú de inéditos com versos, colagens e trabalhos visuais, não descarta novas publicações. “Pode sair antes do fim de tudo”, disse. E o que seria esse “tudo”? “O mundo vai acabar em breve. É o movimento natural da vida.”

Catálogo da exposição *Retratos e colagens*, apresentada no Rio em 1980 (na página ao lado), a capa de *Batendo pasto* (à esq.) e um registro de Maria Lúcia Alvim (acima)

A MAIOR VITÓRIA DO CASÃO!

Depois de expulsar
seus demônios chegou
a hora da travessia



O gigante que antes intimidava os adversários dentro de campo expõe seus medos e traumas durante a luta contra a dependência química, a ressocialização depois de anos no vício, as histórias de amor e, além de tudo, o apetite pela vida que levaram Casão a experiências extremas e que o deixaram no limite da sanidade e da sobrevivência.



GLOBOLIVROS

NAS LIVRARIAS E EM E-BOOK



Nô trânsito, dê sentido à vida.



Nova Sprinter 19 + 1 com entrada pela porta dianteira. Uns vão chamar de “vanzona”, outros de “onibusinho”.

A nova Sprinter 516 CDI 19 + 1 lugares é uma nova opção de mobilidade que oferece mais agilidade no dia a dia. Com entrada dos passageiros pela porta dianteira e corredor livre até a última fileira de bancos, é ideal para quem busca otimização logística, conforto e rentabilidade. Com a Sprinter 19 + 1, você vai entrar pela porta da frente no negócio de transporte. Seus passageiros também.

 MercedesBenzVansBr  mbvansbr CRC: 0800 970 9090 | vans-mercedesbenz.com.br

Mercedes-Benz

